PIXÉ

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO Nº 30
ANO 4
MAIO/2022

EDITORIAL

Um famoso ator, Peter Dinklage, publicou nota opondo-se veementemente ao remake da Branca de Neve e os Sete Anões que o estúdio Disney pretende relançar. Ele mesmo, Dinklage, é anão ou, melhor dizendo, portador de nanismo. De pronto, reagiu o sindicato dos atores com a síndrome, alegando que os papeis de anões estariam sendo furtados no escasso mercado cinematográfico. De outro lado, a atriz negra norte americana Whoopi Goldber declarou que o Holocausto não se deu por racismo, já que se tratava de morte entre brancos. Muito provavelmente, em ambos os casos, não se anteviu o tamanho da polêmica e a indignada reação do público.

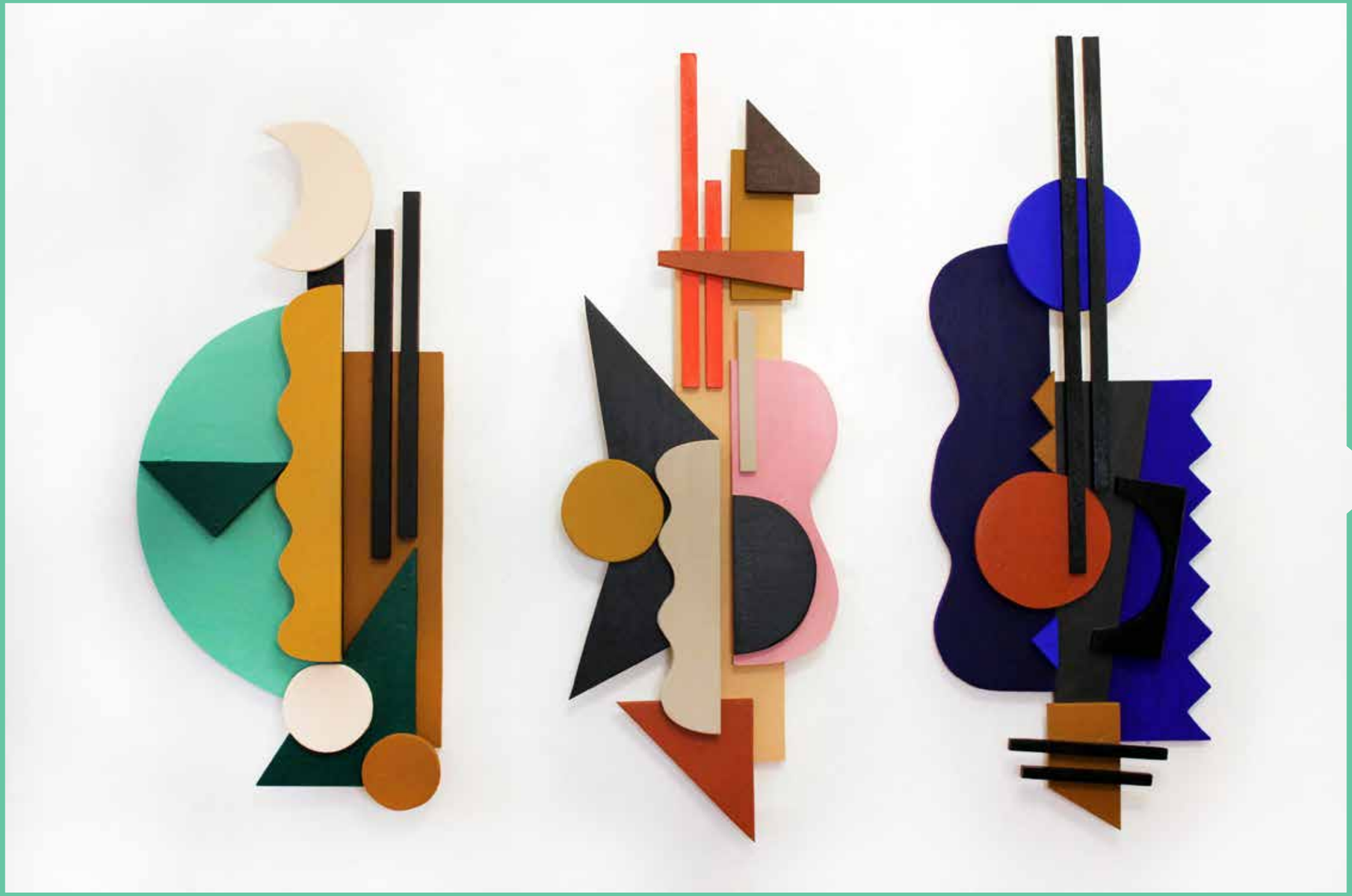
Se qualquer olhar é um olhar engajado, a militância é um olhar deliberadamente distorcido. Não estamos sequer tratando do mérito, se a causa é justa, injusta, relevante ou irrelevante. Antes, porém, estamos lidando com o método. Como se vê a realidade e dela o que se extrai para o trabalho artístico. Já estamos carecas de saber – este editor, sobretudo – que a objetividade científica é um dos mitos da modernidade. Toda crítica parte de um ponto de vista, mergulhado em valores, ritos, hábitos profundamente cunhados na personalidade humana. O que fazemos com relação a isso? De pior, é assumir uma postura de negação e reafirmar uma pretensa isenção. Ironicamente, quanto mais reforçamos o mito da pureza, mais engajados nele ficamos.

Mas, então, qual o problema do engajamento explícito? É justamente a explicitação. Nada mais redundante. Se a arte é um anteparo, uma forma de proporcionar múltiplas leituras, a explicitação das posições autorais faz com que se transforme num catecismo, o romance vire um manual, a tela se transforme em mero cartaz e a música em discurso de praça. Noutras palavras, o leitor fica subordinado a uma conclusão prévia e, claro, autoritária. Afinal de contas, quem se expressa é o artista e dele é a fala. Muitos artifícios são usados para camuflar esse ímpeto. Eis aí a melhor arte porque generosa com o público. Os artistas, porém, estão se curvando ao dirigismo orwelliano. Que o diga Chico Buarque que vetou a própria canção Com Açúcar e Com Afeto.

Os olhos de Capitu talvez sejam a nossa versão brasileira para o sorriso da Mona Lisa. O que terá pensado Machado de Assis? E Leonardo da Vinci? A incerteza compõe a estrutura da obra de arte. Tivéssemos às mãos uma trena, quanto mais certeza houvesse, menor seria o alcance artístico. O que terá pensado a atormentada Anna Karenina? O arrependimento de Raskólnikov foi autêntico? O quão sofria Policarpo Quaresma? Que tipo de prazer se mistura com rancor e amargura em Juliana? Por último: que pedra é aquela que Drummond enfiou para sempre no meio do caminho? Quanto mais teorias, polêmicas, desencontros e quizilas, maior será a obra. A recíproca é verdadeira: quanto mais explícitas forem as intenções autorais no texto, além de ruim, terá vida breve.

O texto engajado tem um lugar. Esse lugar é uma espécie de gaveta. Quando é preciso, o pesquisador se lembra dele, abre a gaveta e o retira para usar. Sim, a literatura adquire uma funcionalidade. No discurso político, a fim de reforçar a imagem de liberdade, usam o texto x ou y, por exemplo. É mais fácil. Basta lembrar daquele texto em datas especiais: carnaval, independência, proclamação da república, natal ou réveillon. O texto não demanda muita interpretação, cai como uma luva porque está já pronto. Trata-se de um pacote completo, um combo literário – estilo e ideologia, tudo bem embrulhado e pronto para o consumo. Não por outra razão, em uma literatura engajada comumente se constrói a óbvia relação com a biografia do autor. Porque, lá no fundo, o texto pode assumir muitos gêneros, mas dificilmente será literatura.

Eduardo Mahon
Editor Geral



SUMÁRIO

2 Editorial
6 Olga Maria Castrillon-Mendes
8 Aclyse Mattos
10 Adriano B. Espíndola Santos
12 André Siqueira
14 Caio Augusto Leite
16 Divanize Carbonieri
18 Eduardo Mahon
20 Gabriel de Mattos
22 Giana Benatto Ferreira
24 Jaqueline da Silva Oliveira
26 Klaus Henrique Santos
28 Lorenzo Falcão
30 Luane Nigro Sato
32 Lucinda Nogueira Persona
34 Marcelo Labes
36 Mardson Soares
40 **Tilde Grynnerup**
44 Marli Walker
46 Mateus Elias
48 Matheus Guménin Barreto
50 Mirian de Carvalho
52 Nicolas Behr
54 Nirlei Maria Oliveira
56 Odair de Morais
58 Onofre Ribeiro
60 Pablo Rezende
62 Raquel Naveira
64 Rubenio Marcelo
66 Stéfanie Sande
68 Thiago Costa
70 Walesca Cassunde
72 Renato Medeiros
74 Maristela Carneiro
78 Anna Maria Ribeiro Costa

EXPEDIENTE

Direção Geral e Edição: Eduardo Mahon
Artista Visual Convidada: Tilde Grynnerup
Colaboradores desta edição: Olga Maria Castrillon-Mendes, Aclyse Mattos, Adriano B. Espíndola, André Siqueira, Caio Augusto Leite, Divanize Carbonieri, Eduardo Mahon, Gabriel de Mattos, Giana Benatto Ferreira, Jaqueline da Silva Oliveira, Klaus Henrique Santos, Lorenzo Falcão, Luane Nigro Sato, Lucinda Nogueira Persona, Marcelo Labes, Mardson Soares, Marli Walker, Mateus Elias, Matheus Guménin Barreto, Mirian de Carvalho, Nicolas Behr, Nirlei Maria Oliveira, Odair de Morais, Onofre Ribeiro, Pablo Rezende, Raquel Naveira, Rubenio Marcelo, Stéfanie Sande, Thiago Costa, Walesca Cassunde, Renato Medeiros, Maristela Carneiro, Anna Maria Ribeiro Costa.
Projeto Gráfico/Diagramação: Roseli Mendes Carnaíba

NUM PESCAR DE OLHOS

Olga Maria Castrillon-Mendes
É pesquisadora da literatura brasileira. Autora de Taunay viajante: construção imagética de Mato Grosso (Cuiabá: EdUFMT, Cáceres: EdUNEMAT, 2013); Discurso de constituição da fronteira de Mato Grosso, 2017; Matogrossismo: questionamentos em percursos identitários (Carlini & Caniato, 2020) e Letras cacerenses (Cuiabá: Carlini & Caniato, 2021, em coautoria).

ARTE E PROVOCAÇÃO

Os artistas que não fazem grandes concessões ao mercado estão a mobilizar as galerias com exposições fora dos cânones. As representações de objetos do mundo surgem como algo a se transformar em outras coisas de acordo com a moldura do olhar espectador. A compreensão fica nos entremeios. Não há um foco único. É como se o artista brincasse com os temas, o que gera não só a ludicidade, mas certa comicidade. Objetos esculpidos sob outros objetos de uso comum, criam uma arte no mínimo agradável aos olhos, inclusive das crianças.

Não fosse pela arte pouca coisa se salvaria para dar sentido às frivolidades do cotidiano. Como ferramenta de provocação é sempre um convite ao estranhamento, pesquisas e experimentações. O não-dito instiga ao adentramento em cenários culturais a partir das variadas formas de expressão dos afetos, aproximações/distanciamentos, no clima do jogo, do humor ou da sedução, realizando uma relação física com o sujeito.

A arte feminista, a temática dos gêneros, a sexualidade dentre outras, passam por experiências desafiadoras no contemporâneo. No entrelugar de compreensão do mundo a tradição é colocada em xeque. A dubiedade vivenciada numa exposição ou ilustração, como as que se presentificam nos 28 números da Revista Pixé transportam o sujeito para outro futuro, no presente, reposicionando-o em espaços de significação que oxigenam o olhar e mostram caminhos do imaginário coletivo, próprios de um mundo em constante movimento e tão necessitado de conscientização, de protestos e de denúncias.

Artistas criam, pelo imaginário, situações inusitadas, possíveis não só de sonhar, mas permitir-se refletir sobre quão inesgotáveis são os recursos de expressão disponíveis para imaginar um futuro mais habitável, de modo a dar sentido ao coletivo. Agir (e respirar) em conjunto, construindo laços pelas estéticas que surgem, transportando-nos para outros espaços, para além do previsível e da acomodação, transformam a história que se alimenta dos medos e das mudanças dos hábitos e costumes. As crises estimulam transformações nas artes, desde *Decamerão, Rei Lear ou Guernica*, de ontem, ou a pop arte e os meios digitais de hoje. Penso que, ao longo de veiculação da Revista Pixé construiu-se algo pegante, cujo sabor permanece por algum tempo, tal qual o doce cuiabano tão bem pensado para nomear a Revista.

Aclyse Mattos
É escritor, poeta e professor da Faculdade de Comunicação e Artes da UFMT. Livros publicados: *Motosblim: a incrível enfermaria de bicicletas* (infantil – 2019) *O sexofonista* (contos - 2018), *Sabiapoca – Canção do Exílio sem Sair de Casa* (infantil – 2018), *Festa* (poesia – 2012), *Quem muito olha a lua fica louco* (poesia – 2000).

SORVETERIA UNIÃO SORVIÉTICA

- Papai, Papai, Olha! Uma sorveteria nova!

Passeando com a família no calor tropical do verão, aquela indicação da pequena Natasha parecia uma boa opção.

Sorveteria sempre remete a climas gelados: Nevaska, Alaska, Nevada Sibéria. Pois aquela tinha uma fachada branca e cinza com um gritante letreiro em vermelho: União Sorviética.

Embaixo havia uma sigla U.R.S.S com a explicação depois: União Refrescante dos Sorvetes Saborosos

Maria e Alexandre entraram com Natasha e o pequenino Ivan. A decoração era temática e deslumbrante em tons frios, indo do branco ao cinza e do azul ao vermelho. Ar condicionado no último e adereços soviéticos como capotes, neve caindo do teto e estátuas de Lenin de chocolate. Nas janelas havia elegantes e trabalhadas cortinas de ferro que podiam ser fechadas em caso de chuva (ou acidente nuclear, pensou Alexandre).

- Olá, camaradas! Sejam bem vindos à União Sorviética! Dominando o Mundo, um sabor a cada dia!

- Leonid! O que você faz aqui? Já se aposentou da Universidade?

- Sim, Alexandre! Me cansei daquele palavrório sem fim nas reuniões e no sindicato e decidi partir para a ação. Aproveitei a aposentadoria para por a mão na massa. Finalmente iremos conquistar o mundo, primeiro de um modo capitalista, mas como um estágio transitório, como predisse o Karlinhos!

- Quer dizer que aquela venda das camisetas com a cara do Che Guevara já era isso?

- Sim, uma “alavancagem”. Triunfo inicial do Capital sobre a Comuna já que todo conceito e estética servirá para o propósito banal de ganhar dinheiro. Nada além do que já foi feito estampando-se a carantonha do Che Guevara em camisetas e vender para a garotada. Heresia das heresias! Mas, Camarada Alex, o contra ataque virá! Ah, virá!

Os sorveteiros estavam uniformizados como soldados soviéticos. As garçonetes de botas longas, casacos e minissaia por baixo dos capotes deixando entrever os joelhos. Havia até uma russa negra!

Percebendo o olhar do ex-colega (ou camarada) Leonid já tinha o discurso ensaiado.

- É a cota, camarada Alex. No final tudo será conquistado pelo Partido e teremos que garantir a renda mínima para todos, mas todos virão gastar seus rublos com o próprio Partido. então...

E fez aquele olhar de quem já sabe onde tudo irá acabar.

- Papai, Repare! Olhe só as colherinhas!

- Sim, menina, as colherinhas também tem um toque especial. Você pode escolher a colherzinha do campesinato (em formato de foice) ou a colherzinha proletária (em forma de martelo).

Natasha não entendeu muito bem e pegou uma de cada para levar ao Ivanzinho.

- Os sabores são fantásticos – comentou Maria com o cardápio aberto sobre a mesinha - Sorvete de Kremlin com Tchokolatsky, Soviet de Frutas Vermelhas, Flocks de Trotski, Maracujá Maiakovski, Cerejas sanguíneas com Rasputin de cascas de limonski, Abacaxivsky Imperial...

- Sim uma de nossas criações. O abacaxi vem com a coroa cortada e usamos o próprio corpo da fruta como taça! Além dos sabores, temos os tamanhos especiais: Sputnik (para crianças: vem servido numa tacinha em formato de espaçonave – Te cuida, Mc Lanche Feliz, hein Alex, vamos pra cima desses capitalistas desalmados)! Noites Brancas (Amoras Negras em Creme Russo servido na gigantesca taça São Petersburgo) Sochi Côco com Cookies. Minsk Shake. A coqueluche do momento é o Bolso-Putin (feito com Leite Condensado batido com Vodka).

La piece de resistance é o Sorviet Supremo com 17 sabores (um para cada república), servido na bandeja Comintern. A bandeja vai para as mesinhas de negociação levadas pelas garçonetes em desfile e então cada cliente avança em busca do território gelado do inimigo a sua frente. Diz a lenda que nenhum grupo conseguiu jamais acabar com a Cassata de Nata da Sibéria! Recomendo muito para famílias e grupos!

A família acabou escolhendo o Sorviet Supremo, apesar do Alex dizer que os sabores da Estônia, Letônia e Lituânia (os mais caros) eram muito pequenininhos em quantidade.

- Que podemos fazer – contrapôs Leonid – Expansão territorial sempre! - E saiu estrondando uma gargalhada. – Depois passe no Politburo para acertar a conta. Lembre-se, só aceitamos Rublos. Nem venha dizer que isso é um Roublo perto da fundação de um Banco! – E de longe a família ouvia a estrondosa gargalhada.

O ambiente da União Sorviética era dividido em dois: Crime & Castigo. No setor Crime o cliente pega o sorvete. No setor Castigo ele paga a conta.

As garçonetes vieram em desfile com a bandeja do Sorviet Supremo e entregaram na mesinha. Natasha avançou na hora para pegar a bandeirinha da URSS fincada sobre a Moscou gelada.

- O que é essa ameixa preta aqui na Ucrânia?

- Deve ser a usina de Chernobyl.

Quando Alex ia pegar uma colherada do Tchokolatsky do Cazaquistão (o território que ficou mais perto dele) as cortinas de ferro se fecharam e uma sirene estrondosa soou...

Era um sonho. Estava na cama com o despertador tocando. Não devia dormir com fome e após ver o noticiário da guerra com os tanques entrando na Ucrânia. Coçou os olhos e calçou o chinelo. Natasha entrou no quarto cantando a Internacional e balançando a bandeirinha da União Sorviética. Ivanzinho chorava porque a colherzinha de foice havia quebrado.

Adriano B. Espíndola Santos
É natural de Fortaleza, Ceará. Em 2018 lançou seu primeiro livro, o romance "Flor no caos", pela Desconcertos Editora; em 2020 os livros de contos, "Contículos de dores refratárias" e "o ano em que tudo começou", e em 2021 o romance "Em mim, a clausura e o motim", estes pela Editora Penalux. Colabora mensalmente com a Revista Samizdat. Tem textos publicados em revistas literárias nacionais e internacionais. É advogado civilista-humanista, desejoso de conseguir evoluir – sempre. Mestre em Direito. Especialista em Escrita Literária. Membro do Coletivo de Escritoras e Escritores Delirantes. É dor e amor; e o que puder ser para se sentir vivo: o coração inquieto.

PASSAR BEM

"Não me comprometo com o que não sei". Foi isso o que disse para Camila. Ela, pela décima vez, tenta me colocar contra a parede, como se eu fosse cúmplice de seu marido. A merda toda é que Gerardo Filho, o dito cujo, é meu amigo de infância. Mesmo ela sabendo, ou fingindo que não sabe, pergunta as loucuras mais absurdas: "Ah, mas e o jogo do Timão, na terça, cês não foram?"; "E a cervejinha depois do trabalho, na quinta, não rolou por quê?". Caramba, fico em tempo de gritar: "Porra, eu não falo com o Gerardo Filho há, sei lá, um ano, desde o começo da pandemia!". Não esculacho porque a mulher é paranoica, e vai que dá uma pira de aparecer no meu isolamento, para me afrontar. Além do mais, Gerardo Filho está cagando e andando para mim. E eu também não quero saber dele e de sua linda família. Sabe por quê? Primeiro, porque o digníssimo é mancomunado com coisas erradas, de todos os níveis: compra de material fraudulento; tem negócio em jogo; saídas e farras em tempo de pandemia. O que que eu quero com Gerardo Filho? Porra, que se fodam ele e a sua turminha... Mas, para falar a verdade, tenho pena da Camila. Parece um carma o que ela tem com "o seu homem". Diz que, quando está prestes a terminar, ele arruma uma confusão e ela tem medo de deixá-lo "desamparado"; do que ele possa fazer. Pobrezinho, um menino, um coitado, que não sabe nada da vida. A questão toda, duvido que não seja, é que ela tem uma dependência emocional dos infernos; e não consegue se ver longe de encrenca. Isso atiça a sua miserável existência. É uma tara masoquista. Ela liga para desabafar, passa uma hora no telefone, e no fim diz que a vida é assim: cruel. Ou seja, uma suicida conformada. Na última vez, pedi que ela procurasse uma terapia; que não fazia mal a ninguém; que eu mesmo estava participando de sessões e que, por isso, me sentia bem mais disposto, revigorado, para enfrentar essa desgraceira toda do mundo. "Oh, Jean, cai na real! Eu vou fazer terapia se o Gerardo Filho não faz?! Vou ficar me tratando se ele não quer nada com nada?". Bom, em parte ela tem razão. Contudo, penso que uma terapia a ajudaria a pensar e, quem sabe, se livrar desse bendito carma. A novidade é que, para completar, como se já não bastassem duas crianças, Camila está grávida da terceira. Talvez seja a terceira tentativa de "amarrar o homem", como ela faz crer. Meu Deus, onde é que esse povo está com a cabeça? E ainda veio com uma conversinha interessante: "Jean, aconteça o que acontecer, você será o padrinho dessa criança!". Ah não, aí eu despiroquei de vez: "Agradeço. Agradeço muito, minha querida, mas eu não estou dando conta nem da minha vida. Passar bem".

DURANTE O ÚMERO TOCADO

Depois da mudança colhida
pelos traços úmeros, vou
ao bodum deste tempo crítico,
esfolo o negrito prazer
prisco. Persistente salina
não se sabe desde que, quando
nasceu, claudicou sobre o mundo.
Mas permaneço no caminho
mesmo tolhido pelos gritos
alegres e contidas lixas
por dentro do peito rosnado,
servo do destino contínuo.
Contingência no céu de abutres
e guizos anis respingando
úmeros expostos na terra
de braçadas bêbadas. Vem
o amanhã que rascunha a porta
do agora, farelo desfeito,
despercebido e nós alamos
as nossas vozes desossadas.

André Siqueira
É poeta residente em Jacareí, interior de São Paulo. Colaborou nas revistas Acrobata, Subversa, Mallarmargens, Ruído Manifesto, Gueto, Aboio, entre outras. Publicou de forma independente dois livretos, e em 2020 seu primeiro livro de poesia As Manhãs Fechadas (editora Gataria) foi lançado. Cursou a faculdade de Letras, sem concluir, e participa de eventos, oficinas entre outras loucuras literárias.

abro a janela
nenhuma serenata
nada na rua
além da rua
da neblina das almas
que passam sem rostos
nenhuma vem com o propósito
de dizer meu nome, nenhuma
sabe meu nome, não saberá
nunca ou não sabe ainda?

digo meu nome ao vento
e o eco responde reto
e sem curvas, a mesma
voz sem emoção, a flor
do tédio com suas pétalas
assoma na calçada, alguém
passa e pisoteia o amor

fecho a janela e como se
não fechasse minha alma
segue com as cortinas pelo ar
ao léu com as cartas do
destino sem naipes com
as linhas das mãos todas abertas

Caio Augusto Leite
Nasceu em São Paulo em 1993. Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP) com dissertação sobre *A Paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector. Integrou o Printemps Littéraire Brésilien 2018, na França e na Bélgica, a convite da Universidade Sorbonne. Teve textos publicados nas revistas digitais *escamandro, A Bacana, mallarmargens, Vício velho, Lavoura, Subversa, Literatura & Fechadura e Alagunas* É autor dos livros *Samba no escuro* (Scortecci, 2013), *A repetição dos pães* (7Letras, 2017) e *Terra trêmula* (Caiaponte, 2020), além de colunista da revista digital *Ruído Manifesto*.

maybe this pain
has a meaning

that escapes in breathing

abundantly
he loves her
says so
unrelentlessly

now that she is deaf

eventually
he heard
her say

a road requires flying

when she walked
away
he dropped his glass
of water

an ocean under his feet

Divanize Carbonieri
É doutora em letras e professora de literaturas de língua inglesa na UFMT. É autora dos livros de poemas Entraves (2017), Grande depósito de bugigangas (2018), A ossatura do rinoceronte (no prelo) e Furagem (no prelo), além da coletânea de contos Passagem estreita (2019).

PEDÁGIO

Mau sinal – ele comentou ao diminuir a velocidade – Ninguém deveria pagar pedágio no começo da viagem. Ronaldo odiava dirigir. Na estrada então, parecia guiar com um limão na boca. Torcia o nariz e guiava amargo durante todo o caminho. Diante da cabine do pedágio, tentou ser agradável. Em vão. A mulher, uma gorda de cabelos castanhos, lábios finos e olheiras arroxeadas não devolveu o bom dia que Ronaldo espremeu com esforço. Ao partir, o motorista tentou contemporizar. São milhares e milhares de bons dias, boas tardes, boas noites – comentou – Deve ser um inferno. O passageiro ao lado, sócio de Ronaldo, concordou como de costume. A viagem seguiu monótona entre espaços vazios e bovinos que pastavam sem propósito. Aqui e ali, pequenas manchas verdes na imensidão deserta. A maçada ia crescendo no peito do impaciente motorista quando as placas avisaram a proximidade do segundo posto de pedágio. Sem automóveis à frente, Ronaldo escolheu uma cabine vaga e encaixou o carro. A mulher recebeu o dinheiro, retornou o troco, abriu a cancela e voltou a fechar o vidro embaçado que a protegia do vento quente que soprava na estrada. Como milhares de outros motoristas, Ronaldo agradeceu mecanicamente sem ouvir resposta. Mais adiante, porém, deu-se conta de que a gorda senhora de olheiras superlativas era a mesma da primeira parada. Tal e qual! – cutucou o sócio que ensaiava um cochilo. Como se sabe, quem está de carona não tem o mesmo tirocínio dos motoristas e só restava ao passageiro concordar. Muito parecida mesmo – o outro disse molemente. Ronaldo, contudo, sabia que o companheiro de viagem assentia para livra-se da discussão. Era assim que aquele inerme fazia na empresa e assim continuava a fazer diante daquela situação embaraçosa. Daí que o motorista desconsiderou a opinião do sócio e mascou sua dúvida até o terceiro pedágio que chegaria poucos quilômetros adiante. Acorda! – Ronaldo chamou o carona enquanto se aproximava da cabine – Ponha os óculos e presta atenção! Ao abrir a embaçada janela da cabine, uma mulher gorda de olheiras pronunciadas recolheu o dinheiro das mãos de Ronaldo, voltou o troco e liberou a cancela. Boa viagem – disse maquinalmente. Ronaldo rejubilava-se – Eu não disse? Não falei que era a mesma pessoa? Aí está! É a mesma. A mesmíssima! O homem que acompanhava incrédulo o destempero do motorista não havia prestado atenção nem na primeira, nem na segunda mulher do pedágio e, portanto, não poderia emitir uma opinião segura sobre essa terceira. Enquanto isso, batendo as mãos no volante, Ronaldo repetia para si mesmo – Não pode ser a mesma pessoa! No íntimo, sentiu subir no peito uma vontade de fazer o retorno para voltar ao primeiro posto e, depois, seguir o mais rápido possível para o segundo e o terceiro pedágio. Era a única forma de confirmar que ele, um contador de meia idade recém-divorciado, mantinha intacta a higidez mental. Ainda assim, manteve o itinerário. Ao se aproximar do destino, Ronaldo decidiu acordar o sócio que havia engrenado um sono despreocupado. Ao virar-se para o carona, viu roncando uma mulher, a mulher do pedágio. Sem qualquer explicação, o sócio, dez anos mais novo, jogador de tênis, casado com suas duas filhas, ganhara o corpo, o rosto e as olheiras da cobradora. Era ela. Indubitavelmente, era ela com o rosto rotundo e cansado. Ronaldo ficou com medo de acordar a desconhecida e guiou o carro até o acostamento. Assaltado pela dúvida sobre a própria lucidez, o motorista estacionou o carro e virou o retrovisor para si. A mulher gorda refletida no espelho olhava Ronaldo com uma cara de horror e ojeriza.

Eduardo Mahon
44, é carioca da gema, advogado e escritor. Mora em Cuiabá com a esposa Clarisse Mahon, onde passa sufoco com seus trigêmeos: José Geraldo, João Gabriel e Eduardo Jorge. Autor de livros de poemas, contos e romances, publica pela Editora Carlini e Caniato.

Gabriel de Mattos
Recentemente publicou O Primeiro Filho e outras narrativas , além da história em quadrinhos Volcanya Blues, esta em parceria com Ricardo Leite, o Ric Milk. Vai desenvolvendo aqui na Pixé o universo da fictícia Novo Paraiso do Norte.

O HOTEL PERTO DA RODOVIÁRIA

Yarandu. *Yarainduh* quando é um estrangeiro. Um estrangeiro que aparece aqui no Hotel Esplanada Tropical. Geralmente perdido, porque os achados descem no campo de pouso, que o pessoal da Colonizadora chama de Aeroporto. Aeroporto, há!

Mas Yarandu, seu criado.

O Verillo, gerente aqui do Esplatropi fala: seu *malcriado*. Mas o que ele queria, eu sou o Encarregado da Segurança? Pelo menos no meu olerite, já li.

Veja bem o senhor, avalie: eu sou alocado no Hotel Esplanada Tropical, mas estou na folha de pagamento (com direito a *olerite*) da Colonizadora, que é dona do hotel e da maioria das coisas aqui de Novo Paraíso do Norte. O Verillo me cobra subserviência porque eu estou no seu hotel; mas agora pasmem: o Verillo é sócio da Colonizadora. Bem sub sub sócio, mais porque tem um parentesco com o Velho, que é quem ainda controla Novo Paraiso, a Colonizadora e o Hotel. Verillo fala que não é bem assim, que as novas gerações é que controlam a máquina, e que de fato o Hotel é dele. Mas de fato o Verillo não é da nova geração, é quase tão velho quanto o Velho.

E está aqui jogado no hotel-perto-da-rodoviária (que é como conhecem o Esplatropi), com o apoio de Segurança deste que vos fala.

Claro que preferiríamos estar na pousada perto do aeroporto (ah!), onde a granfinagem fica rapidamente antes de ir para os *resorts* no coração da Amazônia Legal. Mas é o que sobra para nós que crescemos nos galhos baixos da progressiva Novo Paraíso do Norte. O Verillo não foi atrás de trazer investimentos lá do Sul para cá; eu por minha vez fiquei de um lado pro outro, a disposição de quem precisasse.

Cresceu a cidade, engruvinhamos nós.

Eu até conversava com o Verillo, ele só acordou quando o Velho achou que tinha que controlar a porta-de-entrada que era a Rodoviária. Já tinha aparecido um monte de pousadas, de casas aqui perto onde qualquer um alugava um quartinho. Começou a ter até casa-de-tolerância; aí o Velho falou que tinha que controlar. Eu comecei como fiscal da prefeitura fechando essas biroscas e mesmo casas de famílias, que só queriam aproveitar a proximidade para ganhar uns trocados.

O Hotel Esplanada Tropical foi construído rapidamente, naquele sistema de fazer primeiro e consertar depois. Virei segurança do canteiro de obras, o Verillo veio de má vontade organizar a construção (na verdade espionar para o Velho).

- Eu posso ajudar *depois*, na decoração, na *cenografia*, não na hora de levantar parede e abrir buraco para cisterna e esgoto! – Queixava-se Verillo quando ficava comigo até tarde da noite, bebendo e acompanhando concretagem. É, ele é meio esquisito, cheio de *cenografia* mesmo. Por isso é que acho que acabou ficando no Esplatropi.

Eu também. Já estava meio cansado dessa coisa de fiscal, capanga, marreta, braço duro, cara feia. Apanhei e bati a minha cota, cheguei naquele ponto em que dá para prever chuva ou frio porque a costela mal curada começa a doer.

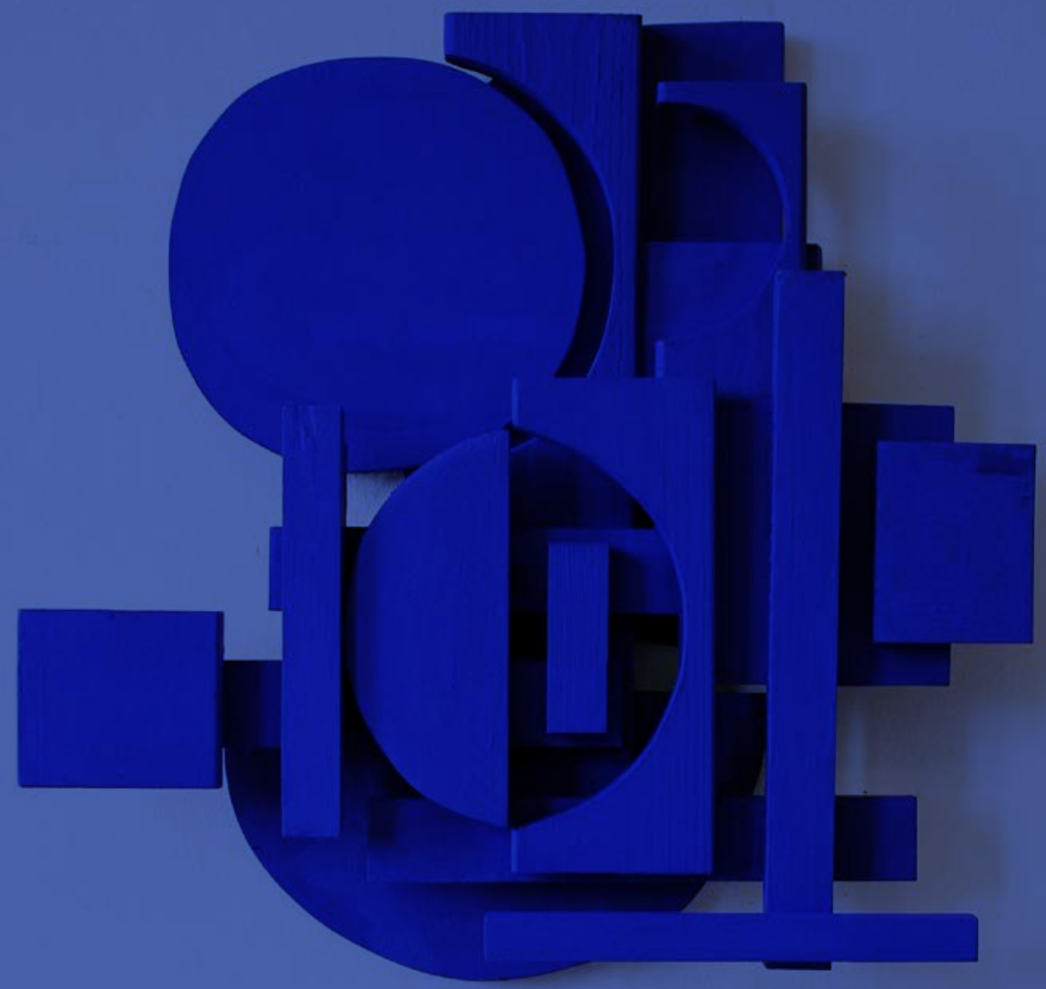
Aí me deram um daqueles coldres de passar na frente do peito, com um 38 cano curto, perigoso. E eu fico na frente do hotel-perto-da-rodoviária, acompanhando o horário de chegada, sabendo quais os ônibus que trazem problemas, que vem com gente fugida ou assustada. Principalmente do Maranhão, que eu tenho birra, de onde só vem garimpeiro. (Nem vem mais, e o Verillo disse pra mim uma vez que Maranhão é na Amazônia, como o Piauí. Imagina!)

E fui eu que dei a ideia da Brigada, que antes era gente do meu tipo, que esperava o ônibus parar e tocaiava: desceu alguém com olho de procurar encrenca ou de não saber para onde ir, a gente embarcava em outro carro pra seguir em frente – pro Acre ou pro Amazonas. Depois a coisa *sofisticou* (influência do Verillo): são as meninas do curso de Serviço Social que abordam os meio perdidos que chegam na Rodoviária. Mas o destino é o mesmo: se não tem nada acertado por aqui, volta para a estrada, cortesia da prefeitura.

O Verillo pegou um quarto suíte no último andar e fica a maior parte do tempo lá trancado, bebendo e vendo televisão. Às vezes chora, às vezes desce e conversa comigo. Sempre reclama, do hotel, da rodoviária, de Novo Paraíso, do Brasil, do mundo...

Eu vou ficando, não aprendi a beber desse jeito que desconserta o mundo. Só fico com dor de barriga. Não acontece mais nada aqui no hotel-perto-da-rodoviária, nada como aquela vez em que o pessoal do Projeto Rondon foi perseguido pelos garimpeiros (ou por outras pessoas...), ou a vez em que um grupo de prostitutas passou a caminho de uma cidade que ainda nem era cidade (precisaram de um Segurança: minhas duas semanas mais felizes, se é que me entende o distinto). Ou ainda a vez que chegou o cara que queria fazer um filme com dezenove mulheres no mato, mas só tinha catorze, e ficaram em três quartos aqui no hotel.

Não consigo dormir mais de quatro horas por noite, e espalhadas. Fico aqui na frente do hotel, olhando a Rodoviária, que não tem mais chegadas noturnas. O coldre na frente do peito me machuca o sovaco, o 38 está sempre pronto. Não sei pra quê.



Giana Benatto Ferreira
É cronista e contadora de casos do cotidiano, começou a escrever após completar 50 anos de idade. Tem seis livros publicados – individual e coletâneas – em prosa e poesia. Nas redes sociais fala sobre maturidade, artes, meditação.

O RELÓGIO DE SANTOS DUMONT

— Estou com medo! O homem é louco por aventuras e esses franceses o apoiam. Senhor! Quantos planos, desenhos, horas em claro, confabulações foram feitas para ele sair do chão.

Até eu fui desenhado justamente para ele não precisar se distrair dos comandos de seus bólidos aéreos me buscando no bolso da calça para saber que horas eram, trocou minhas correntes por pulseira e os invejosos de plantão.

Sou super diferente. Louis Cartier, amigo pessoal de Alberto, ficou frenético quando observou o desenho e aceitou o desafio. Meus primos, *les autres montres*, já circulavam nos braços da realeza francesa, há muito tempo, em preciosas joias femininas, rodeadas de pérolas e fios de ouro. Mas, empregar como ferramenta de trabalho, modelo masculino, unindo couro à caixa dos mecanismos das horas, isso Alberto inventou. E, estou eu aqui agora, em expedições de levantar voo, em uma gerigonça que treme e parece que vai vergar quando a velocidade aumenta.

Alberto é fera. Parece que nasceu com um botão de dar corda que não gasta nem descansa. Se não está no hangar mexendo no seu novo brinquedo voador, está estudando para construir outros equipamentos estranhos.

Sai, vai a encontros filosóficos, de arte, encontra amigos. Com eles estabelece planos de ação e discutem ventos, atmosfera, mecânica. Ele lhes explica sobre asas, velocidade, ser mais pesado que o ar para subir. De tempos em tempo, puxa o paletó e me olha atentamente. Diz que está na hora de ir, que precisa descansar, e todos em volta ficam fascinados com minha beleza. Me acho especial, embora saiba que Louis está vendendo a ideia de Dumont e melhorando seu faturamento. Trabalhar com couro lhe abriu uma nova possibilidade na relojoaria. Antes as argolas de prata, ouro faziam parte do seu dia-a-dia, diferente de agora, onde costurar pedaços pequenos, ajeitar para que os pinos que prendem o relógio a pulseira, é uma arte.

Ele, Alberto, é especial e considera minha companhia imprescindível. Tentem imaginá-lo dirigindo em seu automóvel na pista de corrida tentando ver as horas sem estar olhando para o pulso. Não tem como. Talvez um dia consigam assentar um relógio em um dos seus carros para ele saber as horas sem tirar as mãos e atenção do volante. Por enquanto, nem pensar (estou pegando o jeito dele, tendo ideias malucas)! Quando voa em seus balões de hidrogênio, velejar no espaço fica ainda mais fácil comigo em seu pulso. Os braços erguidos cuidando da entrada do ar quente no balão são perfeitos para somente virar o braço esquerdo e me olhar.

E se você me perguntar por que sou usado no braço esquerdo, eu explico. Se as pessoas destras reclamam até de escovar os dentes empunhando a escova com a mão esquerda, não consigo vê-las dando corda em mim, ou em algum outro relógio, com a mão esquerda, já que o botão de corda para que funcionemos fica do lado direito do aparelho. Ainda que fosse para o lado esquerdo, seria muito difícil. Além de tudo, hoje em dia, é estranho ser canhoto. Parece que algo não está correto, então sigo no braço esquerdo de Alberto, facilitando seu trabalho diurno de me fazer funcionar e ser pontual.

Hoje estou com medo. *J'ai pair du voler!* Desde julho estamos fazendo testes para essa 14ª máquina do gênio sair do chão. Tivemos tentativas e falhas sérias. Hoje ele acredita que será diferente, pois já trabalhou em tantas modificações que espera ter sucesso no voo, daqui a pouco.

Estamos sendo olhados e seguidos pela multidão que se juntou no Campo de Bagatelle, aqui em Paris (seja um francês – pronuncie: Parri). Em poucos instantes, o segundo protótipo do 14, agora chamado 14Bis, vai subir. Tem que subir. Continuo com medo.

A Ave de Rapina - Oiseau de Proie – como se referem ao 14Bis precisa fazer jus ao nome e ao trabalho de Alberto. A sensação de estar no céu é boa e não entendo porque tenho medo. Talvez porque desconhecer o que ele pensa, que novas aventuras inventará enquanto estiver nas nuvens, quão alto vai chegar e se as pessoas também, um dia, desejarão voar.

PENSAMENTO

Hoje em pensei em você tanto,
tanto, tanto, tanto
que não vi o dia partir
não vi o pôr-do-sol
não vi a chuva cair
Não sei se vivi ou se morri
Mas de que me serve a ciência dos fatos
se você não está aqui ?

Jaqueline da Silva Oliveira
É nordestina, Mestra em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) e Doutoranda em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente reside na cidade São Paulo- SP.

Klaus Henrique Santos
Reside em Sinop-MT e é membro da Academia Sinopense de Ciências e Letras (ASCL), nela ocupando a Cadeira 10, cujo patrono é Jack Kerouac. Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo. Publicou Páginas da Escuridão (2012), Enfim, a estrada (2014), Horror & Realidade: contos (Carlini & Caniato Editorial, 2015), No Compasso da Loucura (Carlini & Caniato Editorial, 2017) e A poesia mora no bar (Carlini & Caniato Editorial, 2018).

UM TRECHO DO CONTO "PARALELOS"

A aldeia de Inaiê ficava próxima ao rio que um dia o homem branco chamaria de Teles Pires. Era interligada a outras comunidades mais à nordeste, por meio de largos e imensos caminhos. Seguindo o curso do rio, por incontáveis luas, ficava a antiga aldeia dos ancestrais, onde em um tempo muito distante foram levados pela Cobra-Canoa para ali se estabelecer. Vinha de lá o conhecimento que a todos garantia a farta alimentação que brotava da terra. Mais de mil anos depois, o homem branco encontraria porções daquelas terras férteis e as chamaria de "terra preta de índio". O conhecimento para produzi-las, porém, se perderia durante o extermínio em massa dos nativos. Mas isso ainda demoraria quase mil anos para acontecer e Inaiê agora contemplava o preparo da terra.

Faziam dezenas de fogueiras ao redor da aldeia. Os troncos, velhos e novos, eram empilhados a grande altura e logo cedo o fogo começava. Carcaças de animais e frutos apodrecidos também eram atirados ao fogo. Durante a noite, a fogueira virava um braseiro incandescente da cor do sol poente.

Inaiê observava do alto de uma árvore. Um dia distante alguém comeria um daqueles frutos e jogaria a semente no rio. As águas a levariam para o outro lado da margem, onde se prenderia ao barro argiloso. Brotaria ali um enorme cajueiro que alimentaria os peixes e os homens. Séculos depois, a árvore morreria afogada quando uma enorme barreira de pedras feita pelo homem represasse o rio. Seriam quase dez séculos até que as águas dissolvessem o último pedaço do tronco do cajueiro que ainda ia nascer, mas do alto daquela árvore, Inaiê tinha relampejos e via tudo, enquanto lágrimas amargas deslizavam por seu rosto e se misturavam às águas esverdeadas do rio. Sabia ela que o seu corpo um dia estaria no braseiro e o seu espírito na floresta, cuidando de seu povo. Inaiê era a personificação do paralelo dos tempos, a começar por seu nome, manifestado na fogueira sagrada quando de seu nascimento, antecipando ao surgimento do próprio grupo que lhe daria significado, algumas centenas de anos depois. Naquele instante, queria que em algum dia, depois do futuro de dor e sofrimento, alguém escutasse os gritos que ecoavam do passado pedindo a salvação. No tempo de agora, mal sabia dizer em quantas vidas viria da floresta para viver com seu povo sem a consciência do tempo presente, para que sua mensagem viesse através de mãos estranhas e materializadas por meio de figuras desconhecidas e em símbolos que ainda seriam inventados. Conseguia ver um homem fazendo isso, dentro de uma oca de pedra. Ele suava e pintava a mensagem em um ritmo frenético. Inaiê gritou e despencou da árvore quando percebeu que dentro do seu olhar, o homem a observava. Era o homem que partilhava com ela o mundo dos sonhos e lá via o que já se passou, enquanto ela via o que estava por vir.

CADA DIA MAIS LOUCO

meus olhos devoram
tudo o que vejo
e o que não vejo
flutua na minha imaginação

eu estou cansado
de viver intensamente
e oscilo entre pausar
ou tocar a vida

quando me deito
para descansar o corpo
meu espírito permanece
entre inquietudes e verbos

não há nenhum silêncio
que me satisfaça
e nem mesmo o sono
aplaca-me a vitalidade

morro de medo de morrer
e continuar vivo
nessa ladainha minha
e por isso sigo aqui

estou dentro de um filme
que nunca chega ao fim
e cada dia mais louco
de tanto viver intensamente

GATO

tudo que eu mais quero
numa próxima vida
se tiver direito a ela
é nascer felino

um bichinho de estimação
que possa dormir
dezesseis horas por dia
entre cochilos e sonos

morar num lar tranquilo
onde gentes boas
me dêem comida e carinho
e nem preciso ser castrado

é que uma trepadinha
e muitas outras também
vão me fazer muito bem

Lorenzo Falcão
"Nasci inexplicavelmente para ser poeta", reconhece Lorenzo Falcão na breve biografia que acompanha "mundo cerrado" (assim mesmo sem maiúsculas por opção do autor). "O cerrado é meu lar e a poesia, o meu mundão sem porteira", conclui o jornalista, que nasceu em Niterói (RJ), mas cresceu em Mato Grosso, "entre barrancos, pedras e sombras", e trabalha há muitos anos como jornalista na área de cultura.

RIBANCEIRA

Precisava dizer antes que se tornasse inexorável a pressa da vida. As coisas têm tido outro têxtil e já não escrevo mais entre linhos. O silêncio faz sua sombra de descanso e mofo sob minhas palavras, que já nem tanto me vem. Veja, sinto-me à beira da ribanceira, numa mesa, onde trabalho, como, rezo. Daqui, de onde fico estável entre minhas profissões pouco precisas, mas poeticamente assíduas, não queixo da vista, horizontal, vasta, montanhosa. Tampouco preciso que me notem ou me lembrem. Quero o que o peixe que vem dar sua graça em pesca me valha e ainda que o que cultivo possa dizer que amo quando ainda não é flor nem nada além da possibilidade improvável de se-la. De vez em um quando, levanto-me. A cadeira reserva um vazio, que já não estou no agora e nem mais me pertenço. É uma pressa que vem do dentro, um impulso desatento. Meus pés vão a beira, a beira de ribanceira e de lá vejo tudo que não posso ver. A casa que não sei, a viagem que não penso. Os filhos que não tenho, o emprego do amanhã. Um salário contado pela criatividade das coisas que nem cabem ao meu nome. Uma vertigem. Um medo da altura. Olhando meus pés, vejo como é quase queda, vejo o salário que mal ganho, as viagens que cogito em gasolina, a volta pra casa, o amor que amo. A mesa ali fica, poucos passos atrás do que chamo eu, mas os pés pregam e não se movem. Paraliso. Entre o que me ribança e entre o que alcanço. Parece-me não ser possível o salto, muito menos a queda de alguma forma. Não ser possível também descalçar a vista do que meus pés ali mostram. É um entretempo. Vertigem. Ali não sou filha. Sou nada. Sou nem eu. Alguma coisa escorre, que nem sei se tempo, suor, lágrima, gozo, infância. E daí eu sei que uma forma de saltar é escorrer, ainda que agarrada as paredes, escorrer no abismo. Derreter é vertiginoso, porque o peito desloca ao chão. Escorrer ou saltar, isso é todo dia. Daí vem alguém. Um rádio toca. É preciso comprar cebola e ser filha. É lindo amar o amor que amo. Os pés caem em si. Me caminham à mesa, onde trabalho, como, rezo. A vista me devora, a cadeira me preenche. Te olho e conto que estive na minha beira, precisava te dizer antes que se tornasse inexplorável o amanhã.

Luane Nigro Sato
Numa forma poema prosado, conto-poema ou outro molde a intitular um eixo pouco específico, Lua Nê atriz, musicista, professora e escritora latinoamericana, pauta sua poética no quotidiano afetivo, como mulher, lésbica, amarela e no lugar da palavra do lúdico ao biográfico. Tem seu primeiro conto publicado em 2021 (Editora Unesp) e sua primeira obra “O arroz é o maior lugar da casa” em 2022 (Editora Multifoco).

VARIAÇÕES

Às vezes
o poema é uma sombra

Conforme secretos desígnios
também haverei de parar
em meio às debilidades
ou talvez deva dizer
em meio ao que me fere
na passageira vida
assunto presente
em cada uma das variações
com as quais me cubro
(em tons de chumbo).

Lucinda Nogueira Persona
É escritora, poeta, professora e membro da Academia Mato-grossense de Letras. Nasceu em Arapongas, PR, e vive em Cuiabá, MT. Estreou na poesia em 1995 com o livro Por imenso gosto. Publicou, entre outros: Ser cotidiano (1998), Sopa escaldante (2001), Leito de Acaso (2004), Tempo comum (2009), Entre uma noite e outra (2014) e O passo do instante (2019).

te digo que te levantes
para que a queda valha
a pena: do alto o chão

é tão mais magnético.
levanta e anda, te digo
despido do tom profético

de quem sabe que a queda
virá - porque virá -, e se
insisto para que te ergas

e arreganhes os dentes
e cerres os punhos é porque
na derradeira hora de cair

na verdadeira hora de cair
não tenhas dúvida,
cairemos juntos.

Marcelo Labes
(1984) É natural de Blumenau e reside em Florianópolis-SC. É autor, dos romances Três porcos (Caiaponte, 2020) e Paraízo-Paraguay (Caiaponte, 2019) e dos poemas de Enclave (Patuá, 2018).

ANDRÔMEDA

Se da tua morada
resolveres te ausentar...
Guarda a Deus
o teu anseio mais íntimo
e diz aos ricos
o valor ideal da estrada.

Tens a manhã
que está segura
da própria aparição
louvando salmos
aos bens da jornada.

Quem bom motivo
o olho e a tez aparenta
e colhe flores a visão?

Aparta a tua destra
do desejo vil de apanhar as flores.
E deixa as ramas
estarem gratuitas,
oferendas vivas que são.

Nem dragões,
nem moinhos
deterão a fé
nos teus dias,
se creres no valor da travessia.

O caminho finda,
a chegada vem,
a travessia fica,
pois a manhã segura é.

Mardson Soares
Nasceu em Bom Jesus (Piauí, Brasil), em 13 de setembro de 1992. Diplomado em Direito pela Universidade Católica de Brasília. Poeta, cronista e autor de literatura para a infância. Pertence à Associação Nacional de Escritores, sediada em Brasília-DF. Há poemas seus em jornais, revistas e sítios literários do Brasil, de Portugal, de Moçambique e de Cabo Verde.

BIOGRAPHY

Tilde Grynnerup
Guest artist

Tilde Grynnerup, 1973, based in Copenhagen, Denmark. Educated in textile design and specialized in embroidery. Tilde Grynnerup is an artist working across different medias such as textile, wood, installation, conceptual, and photography. She chooses whichever media expresses her vision the best, and work without limitations. She likes to explore and is often driven by social indignation and a general curiosity about people and life, her artwork usually aiming to communicate a thought or a feeling. Something true and profound.

Having spent a decade writing songs, and another decade working with fashion, she create works of art, combining words and textile. And having grown up with the inherited craftsmanship skills from her carpenter father, woodwork is like family. She works with him in their joint wood workshop by a small forest, where the father lives retired.

When working with wood, Tilde alternately work between her wood workshop in the countryside and her studio in the city of Copenhagen. The interaction between the countryside nature and the city, is the perfect balance. Just like the interaction between working with soft materials like textile and hard materials like brass and wood.

Humor and playfulness are important elements in Tildes artwork. Being a wonderer herself, she finds solace and relief in art, and hopes to provide that to others too, through her own work.

EDUCATION
- 2003 Textile / Embroidery, UCC University College

SOLO EXHIBITIONS
- 2020 Rigshospitalet, Rigshospitalets Art Association MAPS Contemporary art gallery Christoffer Egelund 2017 Parts of me and parts of you. Kana Studio, London. Curated by Destina Curtis
- 2015 Sculpture. Atelier Sara Gade
- 2012 Black/white photographs. Enghave kirke

SELECTED GROUP EXHIBITIONS
- 2021 Blues. Curated Group exhibition. Four you Gallery, Dubai + Paris. Curated by Angeliki Kim Jonsson.Group Exhibition, The ode to, StockholmGroup Exhibition, Wilo&Grove, ParisGroup Exhibition, Trobat, Mallorca
- 2020 Cantum Combine, Online Show, ContemporaryIdentities International Online Art Magazine,UAE & Richard Koh Fine Art, Malaysia. Curated by Elham Shafaei The Summershow, Galleri Christoffer Egelund, Copenhagen Group Exhibition, Galleri Christoffer Egelund, Copenhagen Summer Group Exhibition, KBH Kunst galleri Group Exhibition, Frederiks Salonen/ Kunstsalonen Group Exhibition, KBH Kunst galleri
- 2019 Kraft,Straagaard artgallery, Århus Hellerup salonen Tactile, Væg Contemporary, Ålborg Group show, London. Curated by Despina Curtis Group Exhibition, Kunsthal Brantebjerg Group Exhibition, Fuglebakkesalonen, Kunstsalonen 2017 Exhibition with Christina Winsløv 2015 Groupshow. Galleri Artmarket / Kristina Stokkebro 2013 Groupshow. Atelier Sara Gade

AWARD
- 2018 Nominated “Arts & Craft” of the year by Design Awards/ Benjamin Media

PUBLISHINGS
- 2015 RedesignKids. Turbine Broderi. Embroidery for kids. Klematis

Marli Walker
É escritora e professora. Ocupa a cadeira 02 da AML

HOJE É DOMINGO E QUERO VOS VISITAR.

Passei a semana pensando numa forma de dividir com vocês a experiência que vivi assistindo à peça "No domingo ele vem nos visitar", escrita por Eduardo Mahon a partir da obra poética de Lucinda Persona, com direção de Luiz Marchetti e direção de cena de Caio Augusto Ribeiro. Como veem, com esse time, eu não poderia vir aqui fazer um relato superficial, muito menos uma resenha rígida, escandindo versos ou teorizando sobre o drama, gênero que sequer domino. O que a experiência provocou em mim foi uma espécie de encantamento que deita memória em minha infância, quando pela primeira vez senti o mais genuíno enlevo diante de um grupo de jovens missionários que encenava num pequeno palco improvisado, na vila onde nasci.

De lá para cá, entre mais algumas experiências, pude sentir novamente o mesmo arrebatamento poucas semanas antes da pandemia, ao assistir ao monólogo interpretado por Cássia Kis, "Meu quintal é maior do que o mundo", com textos extraídos do livro "Memórias inventadas", de Manoel de Barros. Eis que dois anos depois, no Cine Teatro Cuiabá, revivo a sensação de estar diante do palco, em companhia da poeta, o que acentuou muito a experiência. De alguma forma, senti aquela mesma menina me capturando como expectadora e espectadora de algo inédito.

Pois bem. Conhecedora que sou da obra de Lucinda, minha curiosidade residia em viver a experiência da transposição de uma arte em outra. A poesia seria preservada? De que modo o cenário funcionaria para compor quadros que tantas vezes criei no ato solitário da leitura? E os atores? Teriam mergulhado no universo imagético de obra tão peculiar e potente? Teriam sido, autor do texto e diretores, sensíveis a todas as camadas de uma poesia que me é tão cara? Estava apreensiva e ansiosa.

Uma casa com paredes e telhado transparentes no centro do palco. Um casal inicia seu dia de domingo e começo a ver e ouvir aquilo que tantas vezes imaginei durante as leituras. A atriz, Claudete Jaudy, incorporou a voz lírica calma, complacente e resignada em meio aos afazeres dominicais. O ator, Ilto Silva, encarnou uma espécie de pilar, ou centro gravitacional em torno do qual toda a ação poética girava. Ou seria todo o amor dispendido em tanta poesia que pairava sobre todas as cenas, gestos e falas? Ou seria o amor atravessando o tempo e se mantendo firme, calmo e terno por entre cacos de louça e jornais espalhados pelo chão? Seriam as palavras sem memória a recusa em ceder ao avançar do tempo diante de tantos domingos e adiadas esperas?

Eu fruía o evoluir da trama e não me furtava a falar baixinho trechos de poemas, acompanhando algumas falas. Quando, enfim, respirei aliviada, a certa altura da peça, já satisfeita e feliz e embebida em catarse, surgiu um efeito surpresa, mágico, uma espécie de subversão do tempo. A jovem atriz Sarah Emily foi portadora de uma inversão temporal. Uma cena tocante, forte, sensível e potente a partir da qual eu cedi e, obviamente, chorei. Sim, eu sou dessas. Choro fácil diante da arte bem executada. Soube, depois, ter sido essa uma alteração de cena sugerida por Caio Augusto Ribeiro. Belo acerto.

A peça fala de amor e sobre como o tempo pouco ou nada pode diante de um casal que divide a vida e passa o domingo à espera da visita do filho. Eu digo que fala sobre amor porque vi o amor acima e ao redor da espera e no meio da vida daquele casal. Aliás, a trama urdida em torno da espera chegou até mim como um pretexto perfeito para costurar o texto extraído de poemas pontuais da obra de Persona. Num período de mais de duas décadas de criação, a poesia de Lucinda trata do tempo, da sua passagem sutil por entre as lidas cotidianas e, sobretudo, trata do cuidado, o cuidado com o outro, com o modo de dizer cada imagem, vislumbre, grão, fatia, gomo, talo, maço, folha. Em cada partícula de vida e a cada uma delas, o enorme amor e cuidado desta mulher que, compenetrada e paciente, cuida de cada refeição como quem escreve um verso, um poema, um livro inteiro. Ela o faz como forma possível de transitar solene por entre espelhos e paredes, até o telefone ou a porta da vizinha, até o sofá onde o outro lê ou repousa. Ele repousa porque sabe do amor e do cuidado, sem o que esse outro não resistiria ou sequer lembraria do jantar, do prato de sopa, das vagens, dos ovos, do chá, dos figos esquartejados ou do ramalhete de couve-flor.

Amor, em suas mais variadas facetas, foi o que vi na transmutação da poesia para o drama. É o que assegura a espera, entre uma noite e outra e em todos os dias da vida. Pretendia ser breve nesta visita, mas, como viram, fui arrebatada pelo conjunto da obra, ou pelo tempo, esse senhor incontornável que se personificou diante dos meus olhos e me lançou ao centro da poesia, num dia de domingo.

Mateus Elias
É graduando em engenharia civil, influencer, youtuber, faixa preta de karatê, tocador de viola de cocho e escritor. No canal “Xomano do Saber” fala de literatura e de cultura mato-grossense. Publica seus textos no blog “Memórias do Xomano” e é autor do livro de poesias “Cada Memória Vivida”. É autor de letras de canções em Portugal pela Rausstuna. Nasceu e mora em Cuiabá.

NOSSO SENHOR

Quando as tropas invasoras chegaram, a tensão era absurda. Os da frente vinham em cavalos. Tinham elmos, armaduras, escudos e espadas bem cuidadas, soldados bem treinados para destruir e colonizar. Nós tínhamos os pedaços de aço corroídos dos nossos avós veteranos. O primeiro ataque veio avassalando, antes de tudo, nossa esperança de vitória. Atrás da cavalaria, veio a infantaria cuja fama ecoa como o grito das almas no inferno em danação eterna.

O ser humano só luta pela vitória quando a derrota é certa. Quando não lhe resta a opção de fugir, quando o inimigo não lhe oferece nem a servidão, quando a morte é o único resultado, o homem se torna um animal e, em troca da mínima chance de um milagre, queima em poucas horas toda energia que Deus lhe cedeu para viver 50 anos.

Lutei bravamente para servir de mártir após a minha morte certa. Meu gládio rodopiava no ar, bloqueando instintivamente as ofensivas de meus oponentes. O que me dava forças era a certeza de que meu exemplo era a única razão para que meus homens continuassem lutando por suas próprias vidas.

Minuto a minuto, os combatentes se escasseavam. Na planície verde por onde caminhavam almas vivas, via-se vermelho e cadáveres de cavalos e homens que ainda se acostumavam com a morte. Nesse cenário, com serenidade aterradora de quem vê na autodestruição humana apenas uma engrenagem da perversa máquina da natureza, um cavaleiro galopava suavemente sobre os pedaços avulsos de carne produzindo espadanas de sangue com o passo do cavalo que montava. Estava no epicentro da batalha, onde o exército invasor era maioria, mas, estranhamente, todos em seu entorno o ignoravam. Posso lhe dizer que imaginei ser a morte vindo me avisar que morri sem perceber, pois o metal de sua armadura reluzia como se o sol a iluminasse com exclusividade e trazia uma capa preta que o vento baloiçava com peculiar interesse, conferindo-lhe uma medonha beleza.

Ele passou uma perna sobre o cavalo e apeou.

Como se coreografado fosse, no instante em que sua queda terminou e o choque de seus pés com a relva sangrenta se dissipou pelo corpo e no chacoalhar da armadura, o cavalo galopou para longe do turbilhão. Com a mesma serenidade, desembainhou seu gládio e, quando segurou seu cabo com as duas mãos, expandiu-se pela planície um estrondo sônico que me fez estremecer e fez levantar os pássaros das árvores. Repentinamente, os invasores voltaram-se todos contra ele.

O primeiro lhe arremessou uma lança contra o peito, o que teria levado qualquer homem a conversar com Deus, mas não foi o caso. O cavaleiro segurou no ar a pesada arma, manobrou-a agilmente e devolveu contra o ofensor um golpe que o atravessou deixando um buraco no ventre, pois a lança continuou seu trajeto por dezenas de metros até ser cravada inteiramente na terra, tamanha a força.

Vieram os outros. O cavaleiro bloqueava com sua espada e retribuía com um golpe único que punha fim à vida do oponente. Desviava com destreza assustadora por baixo da lâmina inimiga e voltava à postura com um golpe ascendente rasgando os bofes do contendor. Chegou um momento que dispensou a própria espada para inutilizar seus adversários no punho.

Silêncio.

Sozinho, derrotou um exército indestrutível. Ao longe, virou-se para mim. Petrifiquei de joelhos. Caminhou em minha direção sem consideração pelos corpos derrubados. Com um movimento brusco para o lado, retirou o excesso de sangue da espada para, em seguida, apoiá-la com a lateral da lâmina na minha têmpora.

- Aquele povo que crer em mim não perderá batalha. Aquele homem que for à guerra consciente da morte é o maior guerreiro. Aquele líder que leva meu símbolo encarna em si o meu poder e o incita em todos os seus comandados. Eu sou o Vosso Senhor. Foste o escolhido. Toma esta insígnia e guia teu povo.

Assim, Nosso Senhor me escolheu para vos guiar. Hoje, quando fordes à guerra, não temais, pois eu, eleito do nosso eterno comandante, o cavaleiro preto, estou convosco, e a insígnia que ele me deu é a mesma que vós levais sobre o peitoral de metal da armadura e que comprastes no meu templo por um preço módico, levando na promoção um retalho da capa que ele vestia.

Matheus Guménin Barreto
É poeta e tradutor brasileiro (Cuiabá, 1992), editor da revista Ruído Manifesto. É autor dos livros A máquina de carregar nadas (7Letras, 2017), Poemas em torno do chão & Primeiros poemas (Carlini & Caniato, 2018) e Mesmo que seja noite (Corsário-Satã, 2020). Doutorando da Universidade de São Paulo (USP), da Universidade de Leipzig e da Universidade de Salzburg na área de Língua e Literatura Alemãs, fez parte da graduação na Universidade de Heidelberg. Teve poemas traduzidos para o inglês, o espanhol, o alemão, o catalão e o italiano; publicados em revistas no Brasil, no México, nos EUA, na Espanha e em Portugal; e integrou o Printemps Littéraire Brésilien 2018 na França e na Bélgica a convite da Universidade Sorbonne. Lança novo livro de poemas em 2022 (editora Corsário-Satã).

POEMAS PARA VOZ BAIXA

E àquela noite esteve sozinha
como o linho que esqueceram de tecer.

POEMA EXTREMO

Pega na mão a pedra
pega na mão a cadeira
pega na mão o pão
mesa escada copo d'água
pega
puxa pro lado
            e descobre ali

a poesia.

PRIMEIRO

O toque mesmo nas coisas
para lembrar as mãos da
arquitetura limpa daquilo
que o mundo gestou.

A mão limpa, cartesiana, reta
pelas coisas
para tirar o pó sobre os nomes

sol, xícara, casca, ladrilho, pêssego, miséria

e tocar outra vez
como no Dia Primeiro
algo dos nomes
que vibre.

VISITANDO JOHN DONNE II

Minha ilha contorna insana ternura
do abraço, que na cama termina e se reinicia,
à hora da volúpia em triunfo.

Carpe diem! Carpe diem!

Hoje, o amor ressuscita
pelas naves do corpo sorvendo
o que em nós, a escorrer, nos anima:
o que, dentro e fora das vísceras, exulta.

Carpe diem! Carpe diem!

Hoje, esgota-se o amor.
Hoje, o amor ressuscita.
A inverter direções das pernas.
A inverter direções do ventre.

Carpe diem! Carpe diem!

A inverter direções do mundo,
freme de êxtase o tempo breve.
Assinando tua amorosa presença.
Confirmando tua assinatura.

Assim, no *brevextenso* momento do gozo,
por que esperar o que de etéreo
na alma se esconde?
Por que deixar perder-se do corpo
o impulso e a fome?

VISITANDO JOHN DONNE IV

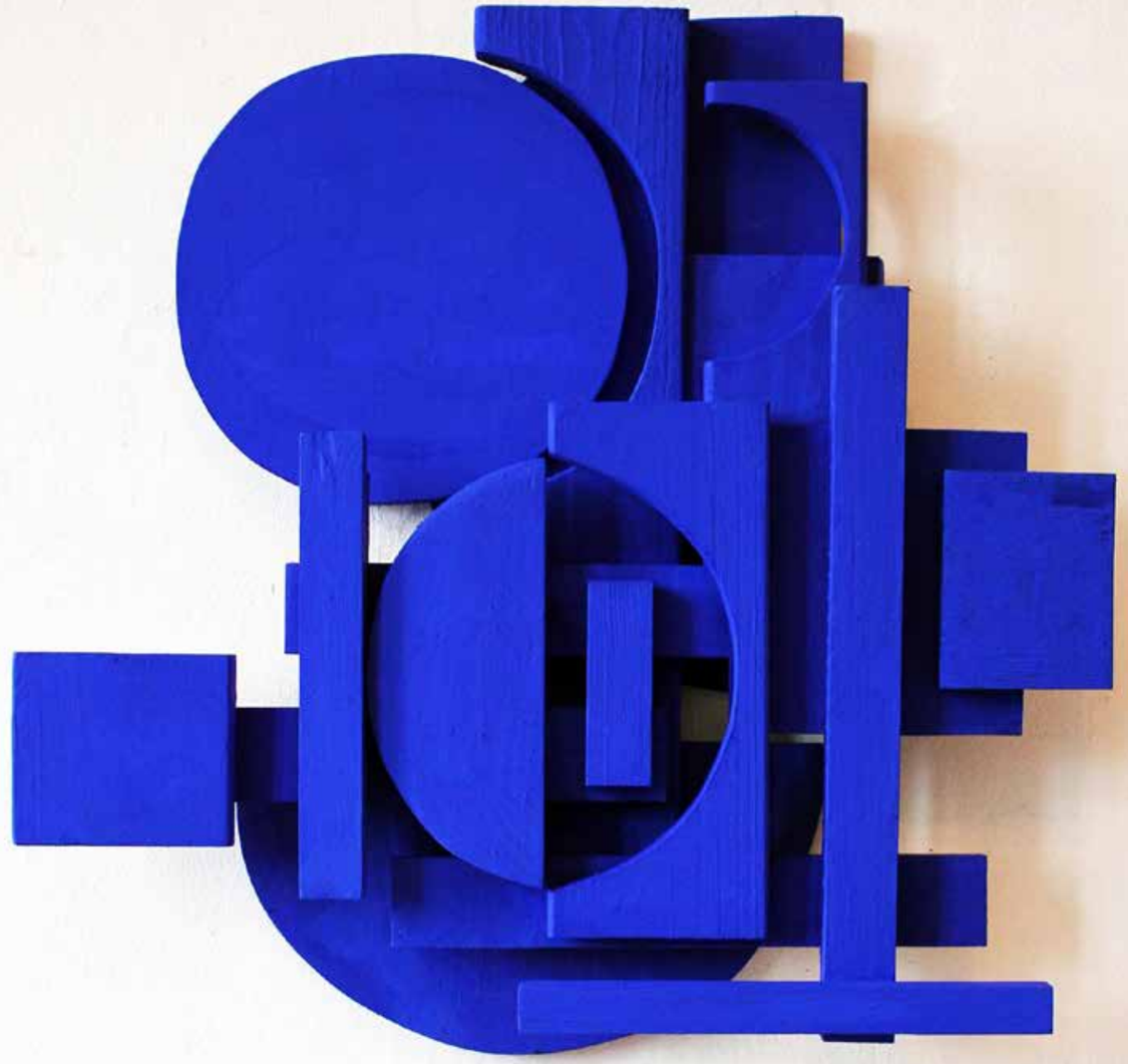
Da rigidez ao repouso, teu sexo
engravida de insânia minhas fendas.
E, úmidos de febre, meus lábios
se tornam seios aleitando terras
do teu feudo.

À liberdade dos amantes,
o amor despoja-se de tudo
igualando e unindo o diverso,
quando tua carne máscula
se levanta e vibra.

Da intimidade emerge a vida
no meu incontido grito de fêmea.
E à sedução da carne escorre mais vida
igual à seiva na racha do lenho.

À ousadia das mãos, a virilha irmana
oração e pouso, nesse profano caminho
dos lábios iniciando a cópula.

Fruto sugado, ressurge o amor
desaguando em corredeira.



Mirian de Carvalho
É Doutora em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde lecionou Estética nos Programas de Graduação e Pós-Graduação. Membro da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA); da Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA); da União Brasileira de Escritores (UBE) - RJ e SP, e do PEN *Club*. Participou da Comissão Cultural do Instituto Brasil-Estados Unidos (IBEU), de 2002 a 2010. Foi 2ª vice-presidente da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA), de 2002 a 2005. Nos dias atuais, dedica-se à poesia, à dramaturgia, à crônica e à pesquisa no campo da cultura brasileira. Publicou vários livros e, mais recentemente, ensaios intitulados *A carnavalização na arte poética de Oleg Almeida*. São Paulo: Livraria da Física, 2021 e, na poesia, A cama virtual. Rio de Janeiro: Synergia, 2021.

LUXÚRIA

sobre os lençóis
nua
nua
nua
mas usa brincos

AUTOBIOGRÁFICO

alcina cuida da casa
o poeta pensa no acaso

ela faz contas
eu faço de conta

ela entre notas fiscais
eu entre efusões verbais

pagar o boleto
ou protestar o soneto?

O QUE QUER ALCINA

não quer poema

quer atenção
carinho
amor
abraço
beijo
amor
sexo

nessa ordem

O ESPANTO

diante da beleza
das formas do teu corpo
as curvas criadas por niemeyer
são ângulos retos

Nicolas Behr (Nikolaus von Behr)
Nasceu em Cuiabá, em 1958. Está desde 1974 em Brasília. Seu primeiro livrinho, mimeografado, é de 1977, o Iogurte com Farinha, seu "best seller", pois vendeu cerca de 8.000 exemplares de mão-em-mão. Foi redator publicitário. Participou do movimento ecológico, tendo fundado várias ONGs ambientalistas no DF nos anos 80. Seu livro Laranja Seleta – poesia escolhida – 1977-2007 – lançado pela Língua Geral, foi finalista do Prêmio Portugal Telecom de Literatura, em 2008. Em 2015 o Instituto de Letras da Universidade de Brasília instituiu o "Prêmio Nicolas Behr de Literatura". Sua obra tem sido objeto de dissertações de mestrado e documentários. Casado, três filhos, se dedica profissionalmente a um viveiro de plantas. Adora Brasília.

TEMPESTADE DE VENTO

Tempestade de vento que assola os vestígios do tempo mofado e sem viço. Cumpro a sina com devoção e prazer, aprecio o espalhar das peças a causar desordem no tabuleiro de xadrez cotidiano.

Contemplo em êxtase as rajadas fortes que subvertem a ordem dos livros nas estantes cinzas, o fio invisível da vida requer espalhar suposições e dúvidas no centro do mundo, afinal, não há certezas que o vento não leve!

Tomo vinho em uma taça antiga de estanho e da minha poltrona favorita observo os redemoinhos varrendo quintais - há harmonia no caos que embaralha tudo em poeira e voragens.

Nesta hora insana e de vulnerabilidade é que se expõe e coloca o coração açoitado no prato de porcelana sobre a mesa posta para o jantar - vulnerabilidade não é prato feito - é requinte! Algo emerge, um novo marco zero.

Sobre a mesa, minhas flores preferidas — copos-de--leite — permanecem intactas! Tomo outra taça de vinho e o vento desarruma meus cabelos.

Nirlei Maria Oliveira
É poeta e Bibliotecária com mestrado em Ciência da Informação, nasceu em Formiga MG, e reside em Campinas, SP. Trabalha no IFSP, Campus de Hortolândia. Atua com ações e projetos de estímulo à leitura. Autora do livro de poemas Palav(Ar) (2021). Organizadora das coletâneas: Quarentena Poética (2020) e Cotidiano, Poesia, Resistência (2021).

falar cada vez menos
até que o assovio deságue
em canção

ou em miragem
estou indo em busca do silêncio

caminho
em busca de um esboço
de oásis

desvios me elevam
ao miráculo final

no rio do espanto
depuro
as imagens que crio

Odair de Morais
(Ôda), cuiabano, autor de Contos Comprimidos (Multifoco, 2016) e do volume de haicais Instante Pictórico (Carlini & Caniato, 2017).

DEVORTEIOS

Dia desses usei no rádio um ditado ao qual estou habituado desde sempre: “deu com os burros n´água”. Imediatamente uma jovem de 15 anos me abordou no whatsapp e questionou o significado do enigma. Ali me dei conta de que a linguagem de agora não comporta “enlatados populares”.

Opa! Começava a penosa autocorreção da linguagem usada nos artigos para a mídia impressa, no rádio e na tv. Tenho filhos jovens e netos. Sei que falam diferente da linguagem tradicional. Estão habituados aos emojis, às abreviaturas simplistas. Linguagem completamente direta. Imagine burro n´água....! Burro é uma coisa. Água é outra. Nada a ver os dois juntos.

Hoje policio as palavras que pronuncio e as palavras que escrevo. Jamais uso o termo “enigmático”. Na linguagem fluente na juventude a palavra correspondente é “estranho”.

Frases. Há, as frases! Curtinhas. Curtinhas mesmo. Descobri que o ponto é a menor distância entre os pontos. Sem vírgulas. Sem parênteses. Sem pontos e vírgulas. Diria, por exemplo. “Fui ao cinema. Filme novo. Ótimo!”. E nada mais.

E as abreviaturas? É uma nova gramática poderosa. Sem volta. Nunca mais a beleza será gramaticalmente por extenso. Só “blz”. A gramática passa a ter os dias contados. Papo reto. Emojis. “Obg”. “Ok” ao excesso. “Cmbd”. “Fds”.

Pior. Cessa o discurso corrido. Afinal, a nova literatura não é mais a junção das palavras numa sequência intelectual. Estética. Ou racional. Não mais. É o significado direto. Ideia curta. Sem paralelas e nem transversas.

Perguntaria o leitor maduro como eu: como transmitir certas descrições? Ou certos sentimentos? Diria que a linguagem cibernética sai das bocas jovens como sairia na voz metalizada dos robôs. Nada de excessos. Sem devorteios. Sem tom.

Os emojis estão tomando de assalto a nova linguagem da comunicação humana. Suas carinhas. As figurinhas estáticas. Os filmetes de aceno. As marcas criadas nos aplicativos deixam a linguagem sem limites. Mas sem palavras.

Confesso que tenho medo de me aventurar nessa “deep language”.

Desde já sinto saudades das grandes frases dos tantos livros que li.

Ah....esses jovens e a sua capacidade de disromper. Triste me pergunto: onde vai parar o meu vocabulário tão longa e acariciadamente construído ao longo da vida....? (Suspiro)?. Sei lá.....

Onofre Ribeiro
É jornalista graduado na Universidade de Brasilia, com pós-graduações. Escreve artigos para jornais em Cuiabá desde 1990 e tem uma longa carreira no jornalismo e no magistério. Atua na tv e no rádio.

PEDRA

A meu amigo João Cabral de Melo Neto

Do solado velho de um sapato
Como quem atrapalha a vigília
Do sonho naufrago dos desistentes
Como quem sonhou o sono perdido

Uma pedra pode perfurar permanente.
O verso, a folha, a árvore
Uma pedra pode também
Ser nada ou coisa alguma
Uma bailarina, uma fábula, um rio
Fezes, cuspes, intestinações
Febres, cruzes, florações.

Uma vaca cruza o poema
Defeca a força com seus cavalos
(despretensiosamente em todo verso,
em todo canto)
Raros, frágeis e úmidos
cogumelos, florações.
O poema irrompe da terra, do capim,
Feito cupim
Da fermentação natural das coisas
(Corrói, separa, devora)

E a pedra?
Que nada ou tudo pode ser
É metáfora
Comparação
Espelho
(pássaro ou inseto)
Palavra (im)possível de semear.

Pablo Rezende
É filho de dona Ilda, poeta e professor de Língua Portuguesa, Literatura e Redação da Rede Pública do Estado do Mato Grosso. É graduado em Letras – Português/Inglês pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) e Mestrando em Estudos Literários pela Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT). É autor do livro O dever e o haver, publicado pela Literata, em 2011. Têm poemas publicados em várias antologias poéticas nacionais e internacionais.

RUBENS - ARTAUD

Rubens Corrêa,
O ator,
Encarnava Artaud,
Ele era o seu duplo
Assistindo-se a si mesmo.

Rubens penetrava no domínio da dor,
Da sombra,
Do nada,
Experimentava o vazio
Da alma de Artaud.

Gemia,
Contorcia-se
Explodia de angústia,
O sangue gelava em suas veias
A cada grito de horror.

O ser tem estados inumeráveis,
Perigosos
E o misticismo do poeta
Não era delírio,
Era poesia e fulgor.

E os olhos de Rubens?
Negros de sofrimentos,
Esbugalhados,
Cresciam nas órbitas
Como se saíssem de cavernas
E, ao mesmo tempo,
Azuis de langor
Como os de Artaud.

Na boca de Rubens
Havia sede de beijos
Que arrastariam para a morte e o torpor,
O gosto de uma boca de mulher
Que perseguia Artaud.

Rubens amava o sol,
A terra vermelha de Aquidauana,
As montanhas,
Por isso compreendia como
Artaud amava o México,
O tesouro do imperador.

Rubens desenhava no ar girassóis,
Molhos de feno,
Tempestades
Como se fosse um pintor,
Para ele Van Gogh era gênio
Suicidado
Como Artaud.

Em seu monólogo
Ficava possuído,
Rodeado de corvos,
Sufocado por espíritos;
Era Rubens que amedrontava
Ou a lucidez superior de Artaud?

Quantas verdades insuportáveis!
Quanto valor na loucura!
Rubens dava forma à ameaça
Que era Artaud.

Fingidor,
Rubens foi o ator
Que melhor representou Artaud.

Raquel Naveira
É escritora, professora universitária, crítica literária, Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo, autora de vários livros de poemas, ensaios, romance e infanto-juvenis. Pertence à Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (onde exerce atualmente o cargo de vice-presidente) e ao PEN Clube do Brasil.

HOJE QUERO RELEMBRAR SEREJO

Hoje quero relembrar Serejo
e com ele também ser
um *cruza-campo e trota-mundo*
em rondas sertanejas...

quero
escutar ao longe o tropel renitente
de incerto destino
chegando mais perto
e anunciando que um índio haragano
das tribos revoltadas
ainda tece a sua 'oração xucra'
buscando no farol divino
a azul certeza de um novo dia...

hoje quero relembrar Serejo:
dividir com ele um mate-amargo
e um mote amigo...
com ele trilhar caminhos
[...os mesmos novos caminhos...]
ouvindo sagas ervateiras,
entre serras e terras,
em veredas sem fuga
ou ao sol aberto de um campo largo...

quero
com Serejo compor versos crioulos
e reviver a fé
na cadência de cantigas sem ritos...

e, disfarçando o meu soluço,
quero afinal
renovar o velho abraço
o fraterno abraço... transcendental
guardado no coração
ainda alheio ao juízo final.

Rubenio Marcelo
É membro efetivo ocupante da Cadeira 35 da Academia Sul-Mato Grossense de Letras, da qual foi secretário-geral e atualmente é diretor cultural. É membro correspondente da Academia Mato-Grossense de Letras. Poeta, escritor e compositor, possui treze livros publicados (3 em coautorias) e três CDs – uma de suas obras mais recentes: o livro Vias do Infinito Ser (poemas) está indicado para o Vestibular 2021 da UFMS.

COFFEE SHOP

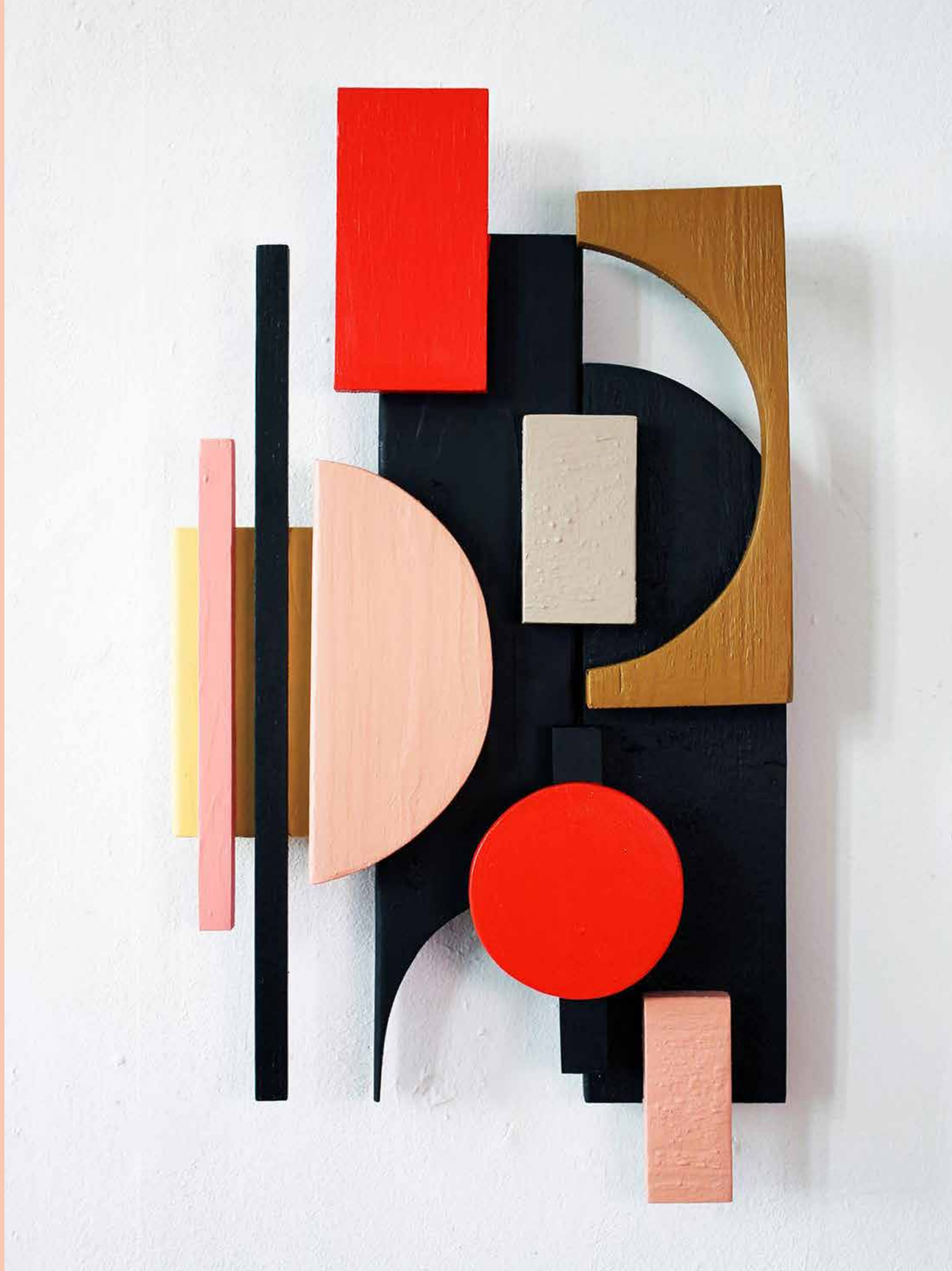
the clock doesn't tick
in my house it does
not make a sound

thursday afternoon
we intertwined
and then time
followed you
into every corner
into every dream
I had just one
or two cups of
coffee to drink

sweet darling you
who I've known
for so so long
I am ahead of time
though it does not
matter when the
clocks don't chime
minutes die down
then you sit down
you smile to me

it's been forever, love
how have you been?
I thought you'd like this coffee shop

Stéfanie Sande
É escritora e doutoranda em escrita criativa na PUCRS, autora dos romances "O último verso"e "Virgínia".



MEMORIAL DE AREIA[1]

Era uma procissão. Larga, lerda. Silenciosa. A avó recente trazia nos braços o rebento recém parido, germinal. Debaixo do grande guarda-sol cor-de-rosa, praiano, com a estampa da cantora Madonna quando jovem. De longe se via. Vapores de areia, chão de terra, céu das onze, horário de almoço. Na frente a mulher, matrona, linhagem matrilinear desde o tempo em que os homens se foram, nos bares, fugiram, nas noites, morreram, no garimpo, se perderam, no mundo. Fresca ainda, mãe antiga, perto dos cem, feições marcadas, enrugadas, com a criança no colo. Olhos vidrados. Na sombra, que serpenteava, além dos limites autorizados, inclinando-se pelos ângulos laterais, formas geométricas imprecisas, alternando-se na estrada sem pavimento. Figuras movediças, divertindo as crianças, descendentes de outros, igualmente desgarrados, igualmente perdidos, restando na imensidão. Testemunhas de uma casta superior, a avó e seu neto, o primogênito e o benjamim, o primeiro e o último, o princípio e o fim, sob a penumbra fugidia do guarda-sol de praia, com a estampa da Madonna quando jovem. Sorria. Alheia. De contraste com a paisagem árida do cerrado, superfície seca, de desgraçados, anônimos, sem esperança, acompanhando a celebração do varão implume, a cerimônia de introdução na casa templo de sagração o novo senhor daquelas paragens calcinadas, embranquecidas, de misérias fartas, dimensões imateriais. Mundo misterioso, interior do país mato-grossense. Comboio indefinido, a procissão seguia. Avançando contra o sol, singrando a terra quente, em silêncio, nenhuma oração, nem benção, em lentidão, vagarosa, toada cadenciada, ocupando os espaços, poeirento, empoeirando, interditando a passagem, trilhas de itinerário único. Carregavam no lombo os calores dos meios-dias. E dos dias inteiros de todo o tempo que ainda faltava. Bocas gengivosas, rangendo os dentes. Era a sede. Suavam. Maquiagem pesada, lápis escuro, batom vermelho, para disfarçar o cansaço, desmanchando na cara de traços masculinos. De indiferença, de desesperança. Um chinelo arrebenta, alguém pragueja. Pés encardidos, vidas calejadas. O caminho era longo. Um corpo estremece, outro baqueia. Adiante era o tombo. Segura o choro, garganta ressequida. A marcha continua. Penitência, paciência, devoção. Arrastam o passo. As distâncias se alargam, os calores se expandem. A fé tornando-se apostasia. Aos poucos. Iam indo. No galope de animal invisível. Rumos sem direção, sem sentido definido. Guiados pela autoridade avoenga, ancestral, que segura no colo o miúdo sem nome, sem manchas. O caminho é batismo. Nos cantões de dentro, deus era deusa. Fêmea silvestre, onça negra, de pele da pantera, feita de fome, de noite e de infinito.

1 Conto finalista do Prêmio Off Flip 2021 na categoria contos. Publicado em: YAMASHIRO, Olga e POLI JUNIOR, Ovídio (orgs). Prêmio Off Flip de Literatura 2021: Conto. Paraty: Selo Off Flip, 2021; pp. 73.

Thiago Costa
É historiador. Faz doutorado em Estética e História da Arte pela USP. Autor de "O Brasil pitoresco de J.B. Debret ou Debret, artista-viajante" (RJ, 2016) e organizador – ao lado de Ariadne Marinho – de "O jardineiro de Napoleão. Alexander von Humboldt e as imagens de um Brasil/América (sécs. XVIII e XIX)" (Curitiba, 2019). Docente do IFMT – *campus* Fronteira Oeste/Pontes e Lacerda.

POEMINHA EXISTENCIALISTA

(inspirado na obra de Eduardo Mahon)

que sonhos eu tinha na juventude?
quantos projetos abandonei?
quantas renúncias me permiti
ao longo dos anos?
quantas de mim foram deixadas
em zonas limítrofes,
dos caminhos atalhados
que optei por percorrer?
a que sina me levaria aquela senda?
quantas verdades calei
apenas para ser gentil?
quantas vezes elogiei
acalentando interesses vis?
quantos gritos lancinantes de dor ouvi
que poderia ter evitado - ao menos tentado,
com uma dose de placebo?
quanto sofrimento desenhado
nas entrelinhas das palavras de alguém
eu ignorei por egoísmo,
comodidade ou impotência?
que imagens ignotas
trágicas, benfazejas,
censuráveis ou não,
terão os espelhos guardado
para apresentar-me à minha essência,
no dia do juízo final?

RETROSPECTIVA

levei para os anos oitenta
o estilo minimalista
um look riponga - roupas despojadas,
multicoloridas;
o anseio por liberdade,
a luta por protagonismo
e o desejo de mudar o mundo.

lutei com Dante por eleições diretas.
vi o fim da ditadura e, finalmente,
votei para eleger meu presidente.
vi nascer um novo pacto social
e ouvi o discurso de Ulisses
que transcendia esperança
desde o Planalto central .

dos anos noventa,
rrouxe comigo o espírito libertário
e a mente abastecida de ideias utópicas;
quisera ver materializados os valores
que a constituição consagrou
- equidade, trabalho, liberdade
e justiça para todos.

Veio o tempo da maturidade
e me despedi dos cabelos de Gal Costa.

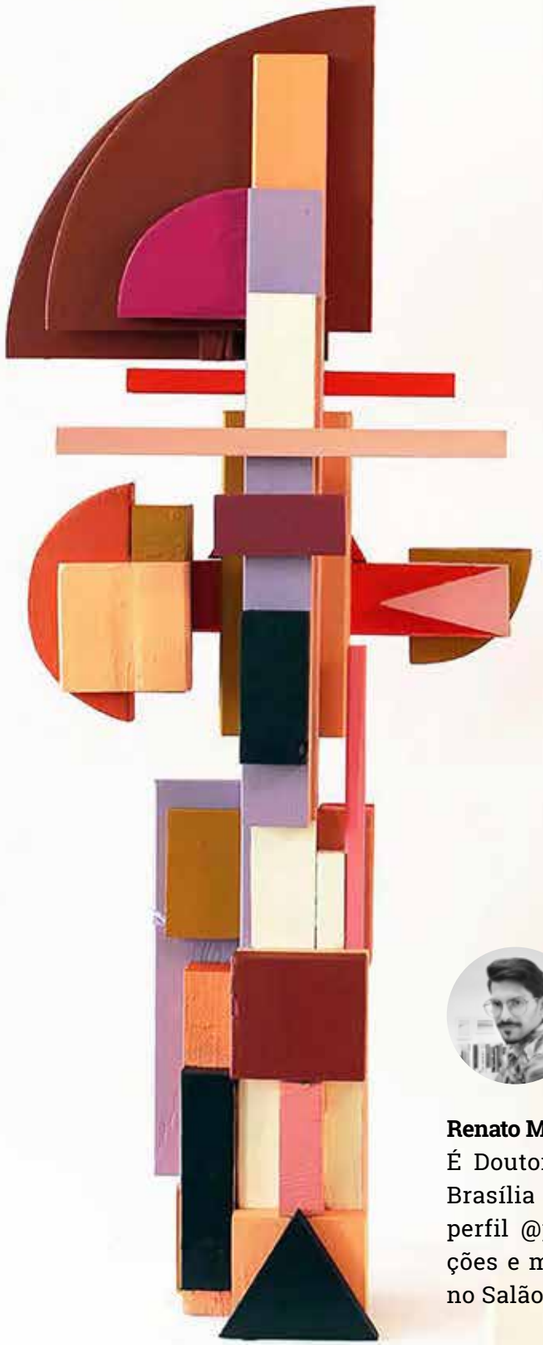
aprendi a conviver com minhas imperfeições
e me pus mais composta;
mas nunca me arrependi de minhas escolhas
nem jamais reneguei meus sentimentos.

continuo perseguindo a estrela solitária.
alguns me creem demasiado ingênua,
outros, atrevida,
muitos , ambivalente e até mesmo hipócrita.

eu mesma ainda me pergunto quem sou;
as vezes luz difusa, as vezes sombra,
sigo por estradas turbulentas
e caminhos acidentados,
em busca da minha essência.

Walesca Cassundé
Nome literário de Walesca de Araújo Cassundé, cuiabana, residente em Campo Grande-MS. Formada em direito pela FUCMT. Advogada por opção e criminalista por vocação. Poeta por catarse, libertação física e purgação espiritual. Em março de 2017, lançou “Confissões Essenciais”, pela Ed. Gráfica Ruy Barbosa.

MATÉRIA PLÁSTICA



Renato Medeiros
É Doutor em Artes Visuais pela Universidade de Brasília (UnB), jornalista cultural e idealizador do perfil @pigmum.arte, sobre artes visuais, exposições e museus. Em 2021, foi premiado em 1º lugar no Salão Jovem Arte MT, na categoria Pintura.

O RITMO GEOMÉTRICO DOS OBJETOS ABSTRATOS DE TILDE GRYNNERUP

Ritmo é um predicado diretamente associado ao tempo. Na música, o ritmo estrutura a duração, a periodicidade e a intensidade de cada som. Nas obras de Wassily Kandinsky, considerado um dos pioneiros da abstração no campo das artes visuais, estabelecer analogias à composição musical era exercício frequente. O que não é de se estranhar, já que a música seria uma linguagem abstrata por excelência.

O ritmo também está associado a outro atributo, talvez ainda mais comum às artes visuais: o movimento. A mudança de posição espacial em um intervalo de tempo. Nos objetos cinéticos de Abraham Palatnik o movimento é literal, alcançado mecanicamente. Mas essa não é a regra. Na maioria dos casos, esse efeito está apenas implícito, como nas pinturas futuristas de Giacomo Balla. Sugerir que os elementos de uma composição visual se movem no tempo é uma prática recorrente nas artes visuais e não seria exagero afirmar que essa sensação marca o trabalho de Tilde Grynnerup.

Como peças de uma engrenagem, diferentes formas produzidas em madeira se sobrepõem em composições policromáticas e monocromáticas, constantemente remetendo às três formas geométricas elementares destacadas por Kandinsky: o quadrado, o círculo e o triângulo. A partir dessas formas, os objetos de Grynnerup parecem se mover ininterruptamente, como as partes de um relógio mecânico antigo, desses de parede. É como se essa aparência de dinamismo revelasse a intenção de se aproximar de um certo equilíbrio de tempo, de um ritmo entre a forma e a cor. Corpos em funcionamento.

Essa relação se torna mais evidente quando a artista afirma que seus trabalhos resultam da interação entre o campo e a cidade. Os ritmos das vivências urbanas e as múltiplas formas e cores de Copenhagen, cidade onde a artista reside, se contrapõem à oficina de madeira que sua família mantém no campo, ao lado de uma pequena floresta. A madeira ganha contornos moldados por uma vida citadina, em trocas ritmadas que se sustentam pelo trânsito entre essas duas realidades.

Por fim, é possível adicionar ainda outra camada à dualidade que esse trânsito entre a cidade e o campo evoca. Afinal, em sua prática artística também há lugar para materiais têxteis, que dão origem a bordados, bandeiras, entre outros objetos de tecido, cuja textura macia contrasta à dureza da madeira. Nas palavras de Grynnerup, seus trabalhos comunicam um pensamento ou um sentimento. É como se expressassem a busca por uma harmonia entre a objetividade racional e a subjetividade do fluxo emocional.

Estão em movimento contínuo, portanto, a ordem e o caos, o natural e o artificial, o flexível e o inflexível, o estático e o dinâmico. Forças opostas, mas complementares, nutridas em cadência. Yin-Yang.

CONTEMPORARTE

Maristela Carneiro
Maristela Carneiro é Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea – PPGECCO/UFMT. Docente da Faculdade de Comunicação e Artes – FCA/UFMT, é Mestre em Ciências Sociais e Doutora em História. Co-Líder do Grupo de Pesquisa ContemporArte. Dentre seus interesses, destaque para Estudos de Gênero, Feminismos, Artes e Cultura Visual, Pensamento Decolonial e Epistemologias do Sul.

GATILHOS DE ALEGRIA

A alegria não desfruta de boa reputação no mundo das artes. Seja qual for a linguagem artística em questão, o divertir-se é sempre tabu. A arte feita com prazer, a que gera conforto e a que induz ao riso são frequentemente descartadas como rasas, descomprometidas, incapazes de tocar sensibilidades complexas. Essa visão, ao menos em parte, encontra sua justificativa no grande número de obras que fundam seu apelo cômico ou sentimental em narrativas preconceituosas, que exploram, perpetuam e difundem em nossa sociedade as mais grotescas caricaturas da mulher, do negro, do pobre e do LGBTQ+.

Dito isso, não é capaz a "alta arte" de ser, por sua vez, odiosa? Não há inegável misoginia nos filmes de Woody Allen e nas pinturas de Picasso? Não há fetichização da violência nas pinturas de Jacques-Louis David e nas peças musicais de Richard Wagner? Não há um elogio desmedido ao poder abusivo de príncipes, duques e bispos em incontáveis obras renascentistas? Nada garante que um trabalho artístico mais sério guarde melhores intenções - e ademais, as melhores intenções garantem alguma coisa? Não está o inferno cheio delas? Ou, ao menos, a sala ao lado?

E, no entanto, fazemos inúmeras concessões à dita "boa arte", perdoamos todas as suas faltas, enquanto reservamos as mais duras críticas à arte que promove a leveza, o riso, a fuga. A última fase da obra de Matisse, marcada por seus recortes de papel é frequentemente deixada de fora de retrospectivas de sua obra, tida como menor, menos densa em termos de elaboração teórica, talvez até mesmo boba. De modo geral, a música popular dedicada à dança, à celebração, à folia, é tida como menor que a música de câmara, à qual canais e publicações especializadas dedicam amplo espaço, isso sem mencionar os currículos escolares, que por sua vez replicam os currículos das faculdades de música. O silêncio é uma forma de depreciação tão eloquente quanto o insulto, e a arte que não é mencionada, sofre até mais que aquela que é degradada em voz alta, pois perde até mesmo a chance de lembrada com desprezo. Não é lembrada, ponto.

Por quê? Certamente, a alegria é algo que, no nível pessoal, ao menos, todos buscamos, de alguma forma. No reino da alta erudita dos corredores universitários, salas de concerto e galerias, todavia, ela se converte em sinônimo de simplismo, conformidade burra, alienação. Novamente, não é algo de todo injustificado. Não faltam artes no mundo que apelam ao cômico e ao sentimental de forma barata e deliberadamente irrefletida e alienante. Dito isso, a potência reflexiva de uma obra não repousa, ao menos parcialmente, em sua capacidade de tecer uma relação subjetiva com o apreciador? Não é capaz uma obra profunda, rica e densa de se revelar completamente oca para o apreciador que não tem recursos para interpretá-la? Não se torna então, a seriedade de uma composição profunda e bem pensada, uma espécie de rabo desengonçado no qual ela tropeça, distante, inescrutável e, em grande parte, fútil? Não é, em certos casos, a leveza um recurso mais válido para atingir o afeto e a fruição?

Este é o ponto em que a obra de Tilde Grynnerup salta aos olhos. Tendo trabalhado como letrista e estilista, a dinamarquesa entalhou seu caminho nas artes visuais buscando novas formas de expressão e assentando-se no trabalho com madeira. Assimilando a técnica de seu pai, carpinteiro, Grynnerup se debruça sobre a madeira para criar composições abstratas que se caracterizam pelo ritmo visual e pelas cores vívidas, obras que, conquanto estáticas, carregam um movimento pregnante construído pela concatenação de formas e espaços.

As artes visuais, desde sempre, se construíram sobre a ilusão. A superfície plana da pintura e do relevo se esforçaram para conter o espaço tridimensional com suas nuances de profundidade. A perspectiva e o escorço foram formulados com a finalidade de reforçar o ilusionismo da criação bidimensional. Mesmo com a relativa libertação da representação figurativa proporcionada pela abstração, alguma necessidade de ilusão permanece: o movimento que não é movimento, o ritmo e sua constância apaixonante. Os painéis de Tilde exploram magistralmente a paixão do olhar pela ilusão. Suas formas angulosas e coloridas se sobrepõem, se seguem e se interrompem com fluidez, criando uma dança que remete aos trabalhos finais de Piet Mondrian, todavia com muito mais ímpeto, dadas a ousadia dos recortes e a variedade das cores. A potência dinâmica dessas imagens aproxima-se muito, com efeito, das preferências visuais dos construtivistas russos, com suas linhas ousadas, semelhantes a escadarias conceituais que levam de lugar algum a lugar nenhum.

Aos olhos de gerações contemporâneas, na verdade, que já não olham mais para algo com as características do conjunto da obra de Grynnerup como apenas um exercício formal, mas como peças que dialogam com décadas de ironia, super-estimulação visual, pixel art e paixões tanto minimalista quanto *camp e kitsch*, o apelo destes painéis é sua redundância e sua diversão. Para nossos olhos exaustos, mas sempre sedentos por mais imagens, a repetição intensa e bailante desses trabalhos é bem-vinda. Para nossas mentes exaustas, mas sempre sedentas por mais estimulação, o movimento implícito é encorajador, excitante, irrefreável, como queremos que a existência seja. Pelo menos por alguns minutos, não nos enganemos.

O energético. O leve. O divertido. Voltamos ao início? Como conciliar aquilo que todos queremos, a elevação do espírito, com as elevadas expectativas das esferas cerradas de nossa cultura, o aspiracional, o drama, o perpétuo aborrecimento vital vendido como profundidade? O trabalho de Grynnerup nos convida a examinar uma arte carregada de referências, de vida, de potência expressiva e, apesar disso (ou talvez justamente por isso), de pulsante alegria.

HALUHALUNEKISU, A ÁRVORE DO SABER

ARDILEZA DOS ANIMAIS

No final da tarde, a mamãe tatu-galinha saiu de sua toca para procurar alimento. Em tranquilidade, deixou seus filhotes na toca, bastante protegida de predadores. Percorreu trilhas a vasculhar o solo úmido sob folhagens à procura de insetos; cavoucar o solo em busca de raízes; fuçar esconderijos para caçar pequenos vertebrados e coletar ovos. Mas, nem bem se distanciou de sua toca, uma onça pintada sorrateira atacou a mamãe tatu-galinha, matando-a.

Não satisfeita, a onça, até então o único animal a possuir pelo, foi até à toca procurar mais presas. Ao chegar, tentou enganar os filhotes, mas não teve sorte. Os espertos irmãos tatus-galinhas logo desconfiaram de que a mãe havia sido morta pelo animal feroz. A onça elogiou a beleza dos tatus para que cedessem à conversa e esmorecessem. Nada feito.

Os tatus convenceram a onça pintada de que ela ficaria tão bonita como eles se ficasse enlaçada em uma corda. Interessada em ganhar beleza, deixou-se levar pela conversa da criançada. Os filhotes enlaçaram a onça com corda molhada para deixar os nós mais apertados e difíceis de desata-los. A onça, em vão, reclamou de dor. Não aguentou o sofrimento e morreu.

Vitoriosos, os filhotes de tatu-galinha chamaram todos os bichos que estavam nos arredores de sua toca para ver o grande feito. Para ganhar pelos, a cutia, a paca, a anta e tantos outros bichos pegaram um pedaço do couro da onça e comeram. Satisfeitos por ganharem mais proteção contra-ataques de onça, foram embora.

Mas, ao repartir pedaços de couro aos animais, gotas de sangue caíram no chão. A gota menor se transformou em jaguatirica, que caça animais pequenos como ratos e cutias. O segundo pingo, de tamanho maior, deu origem às onças de hoje, especialistas em animais grandes, como o veado.

E desde esse tempo, os animais não escapam dos ataques da onça e da jaguatirica.

Anna Maria Ribeiro Costa
É doutora em História pela UFPE e Professora do Univag. Chegou às terras do povo indígena Nambiquara na Primavera de 1982. Dos índios recebeu o nome Alusu, por conta de seus hábitos alimentares. Nessas terras, conheceu José Eduardo, com quem tem dois filhos: Theo e Loyuá. Vem se dedicando aos estudos sobre os povos indígenas de Mato Grosso, com especial atenção ao Nambiquara.

PIÉ

REVISTA LITERÁRIA